



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES (IISCA)
JORNALISMO

AYSHA GLENDHA QUEZADO SARAIVA

NO CHÃO DA PRAÇA: CRÔNICAS DO COTIDIANO

JUAZEIRO DO NORTE
2026

AYSHA GLENDHA QUEZADO SARAIVA

NO CHÃO DA PRAÇA: CRÔNICAS DO COTIDIANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes - IISCA, da Universidade Federal do Cariri, como requisito para obtenção de grau como Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr . Tiago Coutinho Parente.

JUAZEIRO DO NORTE
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

Q5n Quezado, Aysha.

No chão da praça: crônicas do cotidiano / Aysha Quezado. – 2026.

100 f. : il. color.

Inclui bibliografia e glossário.

Livro-reportagem (Graduação em Jornalismo) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas,
Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Coutinho.

1. Jornalismo. 2. Crônicas brasileiras. 3. Praça Padre Cícero (Juazeiro do Norte, CE).
4. Cotidiano - Juazeiro do Norte (CE). 5. Cícero, Padre, 1844-1934 (Líder religioso e político). 6. Lady Baiana, 1948-2023 (Cantora de seresta). I. Coutinho, Tiago (Orient.).
II. Universidade Federal do Cariri. III. Título.

CDD 628.1

NO CHÃO DA PRAÇA: CRÔNICAS DO COTIDIANO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
na modalidade produto apresentado ao
curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Cariri (UFCA), como
requisito parcial para obtenção do título
de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
TIAGO COUTINHO PARENTE
Data: 31/03/2026 19:00:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Tiago Coutinho Parente (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Documento assinado digitalmente
JULIANA LOTIF ARAUJO
Data: 01/04/2026 09:31:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Juliana Lotif Araujo
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Documento assinado digitalmente
LILIANE DO NASCIMENTO SANTOS
Data: 31/03/2026 20:49:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Liliane do Nascimento Santos
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

JUAZEIRO DO NORTE, 31 DE MARÇO DE 2026

RESUMO

Este livro-reportagem tem como objeto a Praça Padre Cícero, espaço urbano localizado no centro de Juazeiro do Norte, compreendido como território de circulação, memória, trabalho, religiosidade e sociabilidade. A obra busca registrar e interpretar as dinâmicas cotidianas da praça a partir das experiências de pessoas que mantêm vínculos afetivos, econômicos e culturais com o local, como comerciantes, trabalhadores, frequentadores e artistas populares. A apuração foi desenvolvida por meio de técnicas do jornalismo literário e da reportagem de campo, priorizando a observação participante, entrevistas presenciais e a construção de narrativas baseadas na escuta e na convivência com os personagens retratados. O processo investigativo privilegiou o contato direto com o espaço urbano, permitindo compreender aspectos subjetivos e simbólicos que dificilmente seriam captados apenas por fontes documentais ou entrevistas mediadas por tecnologias digitais. Estruturalmente, o livro organiza diferentes histórias e fragmentos narrativos em formato de crônicas-reportagem, compondo um mosaico de perspectivas sobre a praça e sua relevância para a cidade. Ao abordar temas como memória coletiva, identidade cultural, trabalho informal, religiosidade popular e transformações urbanas, a obra propõe uma reflexão sobre a relação entre espaço público e experiência humana no contexto do Cariri cearense.

Palavras- chaves: jornalismo; Praça Padre Cícero; Juazeiro do Norte; cotidiano; crônicas brasileiras; Padre Cícero; Lady Baiana; Cariri.

ABSTRACT

This reportage book focuses on Praça Padre Cícero, an urban public space located in downtown Juazeiro do Norte, understood as a territory of circulation, memory, labor, religiosity, and sociability. The work seeks to document and interpret the square's everyday dynamics through the experiences of people who maintain emotional, economic, and cultural ties to the place, including merchants, workers, regular visitors, and popular artists. The reporting process was developed through literary journalism and field-reporting techniques, prioritizing participant observation, in-person interviews, and the construction of narratives grounded in attentive listening and direct coexistence with the portrayed subjects. The investigative process privileged direct contact with the urban space, making it possible to grasp subjective and symbolic dimensions that would hardly be captured through documentary sources alone or interviews mediated by digital technologies. Structurally, the book organizes different stories and narrative fragments in the form of reportage chronicles, composing a mosaic of perspectives on the square and its significance to the city. By addressing themes such as collective memory, cultural identity, informal labor, popular religiosity, and urban transformations, the work proposes a reflection on the relationship between public space and human experience within the context of the Cariri region of Ceará.

Keywords: journalism; Praça Padre Cícero; Juazeiro do Norte; everyday life; Brazilian chronicles; Padre Cícero; Lady Baiana; Cariri.

LISTA DE FIGURAS

Fotografia 1 – Coluna da Hora, na Praça Padre Cícero	21
Fotografia 2 – César Cardoso, personagem do livro	25
Fotografia 3 – Interior da Banca Padre Cícero, na Rua São Pedro	28/29
Fotografia 4 – José Antônio, personagem do livro	33
Fotografia 5 – Natanael e Sivaldo Bezerra, personagens do livro	52
Fotografia 6 – Procissão das velas na Romaria de Nossa Senhora das Candeias	60
Fotografia 7 – Mãos de Lady Baiana no teclado	64
Fotografia 8 – Reisado Nossa Senhora das Dores	77
Fotografia 9 – Marlene segurando bolsa e garrafa de água	89

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
POSTO 0001	11
INVENTÁRIO DAS ESQUINAS	17
BANCA PADRE CÍCERO	24
FARMÁCIA DOS POBRES	32
VERTICALIDADES	41
O ILUSIONISTA	44
CANDEIAS	50
NOITE DE SERESTA	62
CRUZANDO ESPADAS	73
UMA CASA QUE VIROU ESCOLA	78
A ROTA DE MARLENE	86
VIDA LEVA EU	90
POSFÁCIO	93
GLOSSÁRIO	99

O que acontece numa praça quando
olhamos para ela com tempo e atenção?

As notícias que chegam a um vendedor antes
de todo mundo. Uma cantora que marca o espaço
com suas serestas. Um trabalhador há décadas atrás
do mesmo balcão. Conversas de passagem, memórias
antigas e encontros inesperados.

A partir desses fragmentos, este livro de crônicas
compõe um mosaico de histórias da Praça Padre
Cícero, em Juazeiro do Norte, revelando a
vida que se constrói diariamente entre
fé, festa, trabalho e encontros.

NO CHÃO DA PRAÇA: crônicas do cotidiano

Aysla Quezado

**NO CHÃO
DA PRAÇA**
crônicas do cotidiano
Aysla Quezado

AYSHA QUEZADO

NO CHÃO DA PRAÇA:
CRÔNICAS DO COTIDIANO

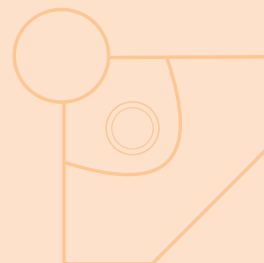


AYSHA QUEZADO

NO CHÃO DA PRAÇA:
CRÔNICAS DO COTIDIANO

ORIENTAÇÃO POR TIAGO COUTINHO

JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ
2026



*“O extraordinário está escondido
no que todo mundo vê”.*

— Eliane Brum, A Vida Que Ninguém Vê.



9 apresentação

11 posto 0001

17 inventário das
esquinas

24 banca
padre cícero

32 farmácia dos pobres

41 verticalidades

44 o ilusionista

50 candeias

62 noite de
seresta

73 cruzando espadas

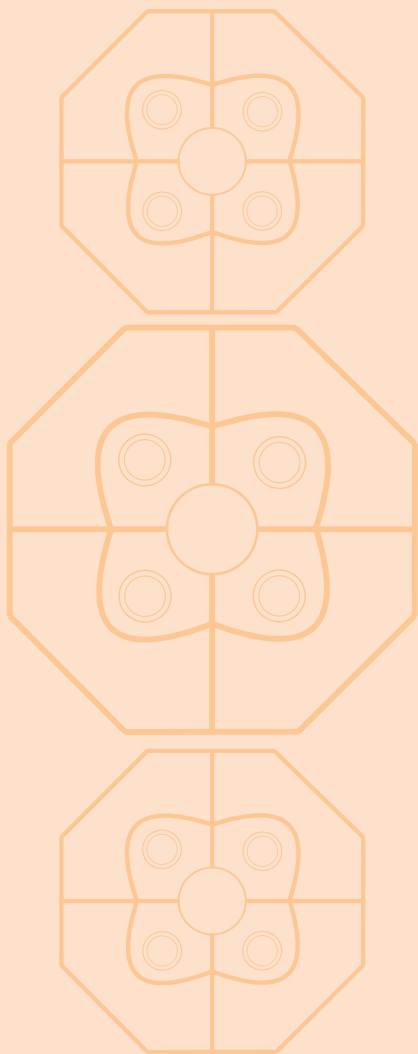
78 uma casa que
virou escola

99 glossário

93 posfácio

90 vida leva eu

86 a rota de Marlene



Apresentação

Talvez você imagine que uma praça se conhece de uma vez só: basta dar uma voltinha, olhar os prédios ao redor, observar quem passa. Eu também pensei que seria assim. Mas não foi.

Para entender esta praça, precisei voltar nela por quatro meses. Houve dias em que cheguei cheia de perguntas e encontrei portas fechadas; algumas dessas histórias levaram semanas para se revelar. Em outros, sentei para conversar e ouvi respostas curtas — ou simplesmente um “hoje não”. Algumas entrevistas não aconteceram. Algumas histórias demoraram para ser confiadas. Outras surgiram quando eu menos esperava, no meio de uma conversa de balcão ou no intervalo de um dia comum.

Aos poucos, percebi que a praça não se entrega por inteira. Ela se revela em pedaços. Afinal, conhecer um lugar de verdade exige mais do que passar por ele: é sobre conhecer o chão que se pisa e entender as histórias que o formaram. Um prédio antigo que abriga lembranças que já não aparecem nas fotografias. Um vendedor que guarda tantas histórias, mas já não pode contá-las. Uma cantora que marcou a praça com a seresta. Cada encontro acrescentava uma pequena peça a um desenho maior que eu ainda não conseguia ver completamente.

A praça, no entanto, não se resume a este livro. Enquanto escrevo estas páginas, me pego pensando em quantas outras histórias ficaram pelo caminho, quantas conversas ainda poderiam acontecer, quantos personagens ainda poderiam surgir. Há sempre mais a descobrir.

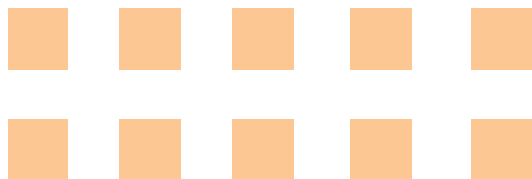
Por isso, este livro não segue um caminho cronológico. Em vez de uma narrativa linear, foi construído como um mosaico.

Nas artes visuais, esse elemento é formado por pequenas partes que, quando reunidas, compõem uma imagem maior. Aqui acontece algo semelhante: cada texto é um fragmento da praça — uma história, um personagem, um instante capturado durante o processo de apuração. Juntos, esses fragmentos procuram revelar uma imagem possível deste lugar.

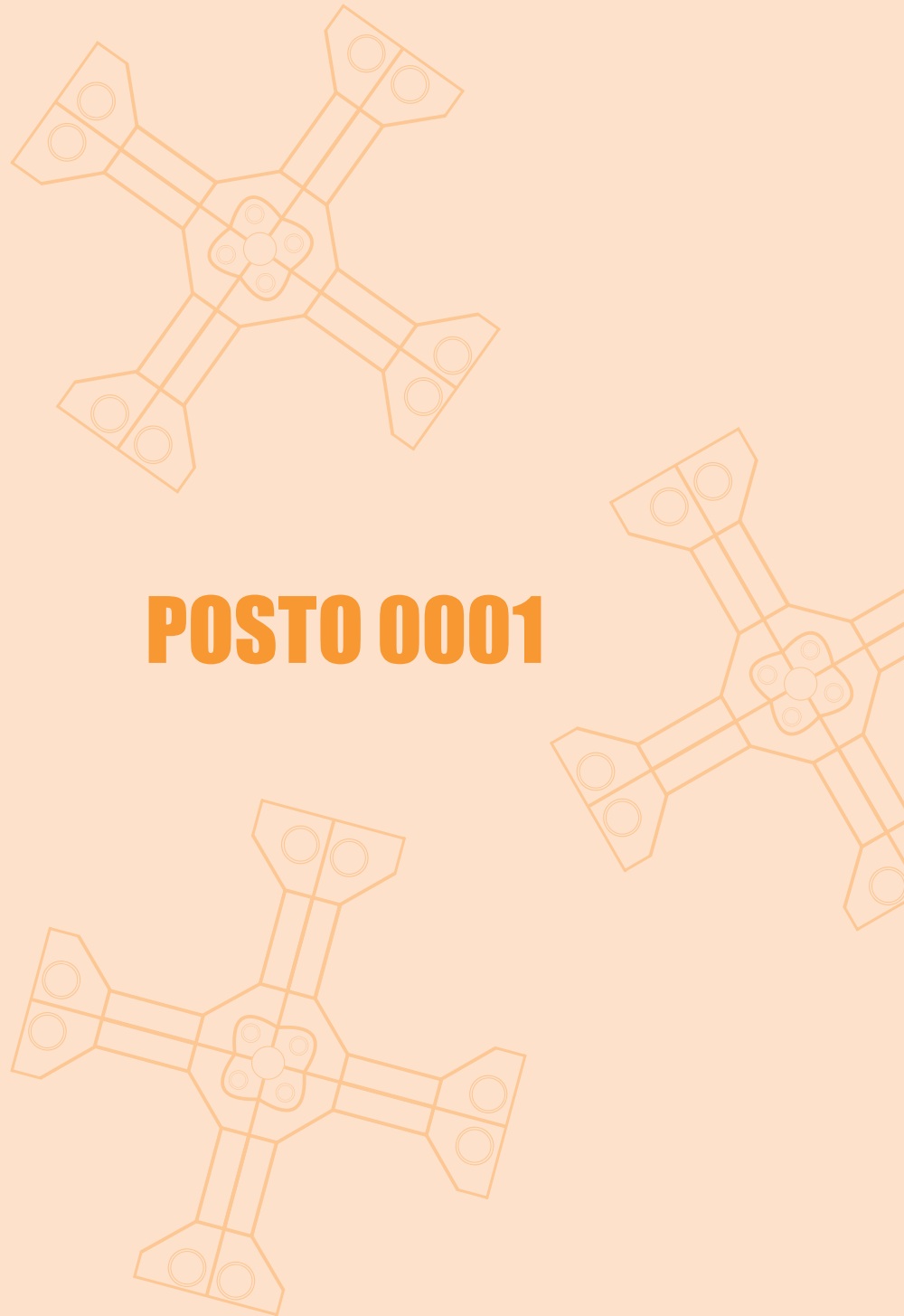
Você pode percorrer estas páginas como quem caminha pelo chão de uma praça. Às vezes, voltando a um ponto já visitado, às vezes, encontrando algo novo ao virar a esquina. Aos poucos, as peças começam a se juntar.

Ao longo da leitura, alguns elementos ajudam a orientar o caminho: as referências a outras páginas aparecem no corpo do texto **destacadas em laranja**, enquanto os termos que integram o glossário surgem acompanhados de um asterisco (*).

Este livro nasce desse percurso. Por isso, ao final, ele também se volta para aqueles que, de diferentes formas, caminharam comigo até aqui.



POSTO 0001



“*Aqui é o melhor ponto de Juazeiro.*”

O Centro se despede do dia e fecha as portas devagar. A moto 1412 está parada, assim como Antônio. Ele brinca com a chave enquanto espera uma corrida que talvez nem venha, olhando para longe. Veste a roupa padrão: uma calça surrada das corridas e um colete laranja neon com um destaque no peito:

DEMUTRAN (DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE TRÂNSITO).

Antônio trabalha ali desde 1995 e sustenta a família com o que ganha sobre duas rodas. Mora no Romeirão, a três quilômetros da Praça Padre Cícero*, coração do Centro de Juazeiro do Norte. Não troca o ponto da Rua São Pedro por nada. *“Já valeu vinte e cinco mil reais”*, ele conta. A praça é o centro do seu trabalho e da sua permanência.

Era a segunda semana de dezembro. No meio da tarde, a praça se espalha em pessoas sentadas no gramado, outras deitadas nos bancos, apenas matando hora. Um casal se encosta em silêncio, trocando carícias. A poucos metros, a guerra reina: uma mãe negocia uma briga entre os filhos com um chinelo na mão. No ponto de ônibus da Rua Padre Cícero, a espera já se transforma em impaciência: *“É por isso que quando o ônibus num vem a pessoa vai de topic*, porque uma demora dessas...”*.

Sacolas, malas e bolsas cruzam o chão quente. O tempo corria depressa, mas naquele pontinho da Rua São Pedro a praça muda de ritmo. Um homem de Hilux encosta e pede informações sobre o estacionamento ao lado. No ponto dos mototaxistas*, há mais conversa do que corrida. Mais

pergunta do que partida. Outro mototáxi chega; o amigo de Antônio sai com uma cliente:

POSTO MOTO TÁXI 0001

A estrutura verde fica ao lado da Banca Padre Cícero, tão antiga quanto ela. A fachada, patrocinada por alguma clínica odontológica, sustenta fios, tomadas e extensões que alimentam uma barraca de guloseimas no lado oposto. Tudo se apoia em tudo.

As motocicletas laranjas quadriculadas se alinham debaixo da sombra, sustentadas por três colunas metálicas. Um armário acoplado ao lado guarda os pertences dos trabalhadores durante o turno. Homem pardo, cabelo grisalho. Antônio Macêdo está ali desde antes dos aplicativos, de quando a corrida custava um real e esse mesmo um real comprava três litros de gasolina. Esse tempo mora na memória dos mototaxistas.

Começou a trabalhar ainda nos anos 80, como pedreiro. Em 1995, passou a dividir o tempo com a moto, alternando entre o peso do cimento e as corridas curtas pela cidade. Foram décadas assim, até a coluna reclamar e o corpo pedir arrego. Aposentado hoje, segue no mototáxi e completa cerca de 30 anos na profissão. Está neste mesmo ponto há 17 anos. *“É cada coisa que tem por aqui...”*. Olha pra baixo e dá um sorriso de canto, pensativo.

Enquanto o colega se senta no banco da moto ao lado, Antônio mexe no celular. Depois de dez minutos aguardando, alcança uma cadeira azul dobrável presa no alto do telhado, abre com cuidado e se senta. Apenas observa. Com o tempo, aprendeu que permanecer no ponto exige mais do que vontade de trabalhar. Exige alvará, taxa, documento em dia. A fiscalização passa. Cobra. Recolhe. *“Se você não pagar*

certinho, eles levam sua moto”.

Antônio não gosta de falar dos aplicativos de corrida, mas fala. Fala porque os tempos mudaram, e a praça mudou junto. Para ele, a regra pesa mais para quem está ali visível. *“Nós pagamos nossos direitos pra trabalhar. Esses outros não pagam nada”*, bodeja quase de forma inaudível, e depois se cala com uma cara fechada, indignado.

O conflito não é só econômico. É territorial: *“O aplicativo não tem ponto. Aqui é nosso ponto”*. E não é apenas Antônio que acha isso, o sentimento é coletivo: os colegas se reúnem, colocam cones e correntes de sinalização. Um símbolo de reivindicação do espaço, onde motorista de aplicativo não entra.

Ao redor da Praça Padre Cícero, esse conflito se repete. Por ser lugar de romeiro* e turista, surgem motos sem cadastro, estacionamentos improvisados, disputas pequenas que se acumulam no dia.

Às vezes, a competição também vem de dentro. Quem pegar a corrida, pegou. Um deles, quando consegue passageiro, aparece de mansinho só para provocar o descanso dos outros, mas diz que é tudo brincadeira. *“Ele fica feliz em tirar o sossego dos outros”*, diz Marcos, balançando a cabeça em reprovação enquanto arruma o boné cinza, sentado na moto 0468. Para ele, ali é cada um por si: *“É uma profissão que não tem amizade. É competição, né?”*.

Enquanto Antônio ainda mastiga a dureza da fiscalização, Marcos reclama dos aplicativos. *“O Brasil tá se encaminhando pra ficar igual a China. Muita tecnologia tomando o lugar do tradicional”*. Para ele, é por isso que o Centro está entrando num processo de esvaziamento. A mão de obra local se desvaloriza para dar lugar ao virtual. *“Numa época de Natal,*

olha como tá o movimento aí. Baixíssimo, por causa da tecnologia”.

Cada um deles tem algo a protestar, mas o colega Marcos tá *“contando os dias pra sair fora”*. Pretende não só mudar de emprego, mas mudar de cidade, ir para Barra de São Miguel, em Alagoas. *“É um lugar que eu gosto. Viajo todo ano pra lá. Se houver uma oportunidade, eu vou. Mas se não der certo, eu vou pra outra coisa”*. Ele trabalha há mais de 20 anos na profissão, mas não vê problema em pular de galho em galho, se for necessário.

Assim como ele, outros colegas também procuram alternativas para sair da profissão. Ele conta que, antigamente, havia mais mototaxistas na cidade.

A percepção encontra respaldo nos números. O cadastro municipal dos mototaxistas existe desde 2009. No começo, eram mais de 1.700. Hoje, pouco menos. Não é uma queda brusca — é um esvaziamento lento. De uns tempos para cá, cerca de quatro deixam a atividade por mês, quase sempre alegando grande concorrência.

Passa um homem empurrando um carrinho de picolé:

— Foi boa, Toin?

— Já vai?

— Já. Na próxima vai ser melhor. — Antônio sempre acredita na próxima.

Durante as romarias — período em que fiéis de todos os lugares vêm a Juazeiro do Norte para celebrar santos católicos e, sobretudo, Padre Cícero — a praça parece se expandir em gente. Nesse período, ele chega a tirar três mil no mês. Nos tempos fracos, o valor cai pela metade. Ainda assim, ele dá conta. Sustenta a casa, a esposa costureira, o filho que

curso medicina na UFCA. Paga o INSS porque sabe: a moto não perdoa distrações. Trabalho perigoso não combina com futuro sem garantia.

Ele diz que a praça já foi pior. Mais violenta, mais escura. Antes da regulamentação nacional da categoria pela Lei Federal nº 12.009, em 2009 — que não abrange os trabalhadores de aplicativos de corrida —, quando “*as motos ainda eram de todas as cores*”, um passageiro levou Antônio até perto de um cemitério e apontou um revólver. Levou a moto e trezentos reais. Só não levou a vida — e isso Antônio agradece a Deus até hoje.

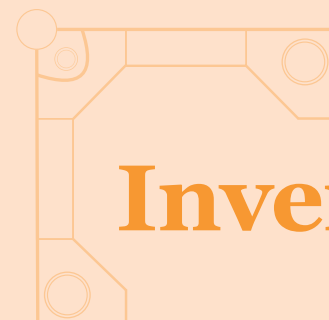
Nesse meio tempo, já soube de seis assaltos violentos no ponto. Um deles com o colega João.

- Pegou a corrida, o passageiro desceu, aí veio outro e abordou.
- É, o vagabundo tava combinado com o outro já.

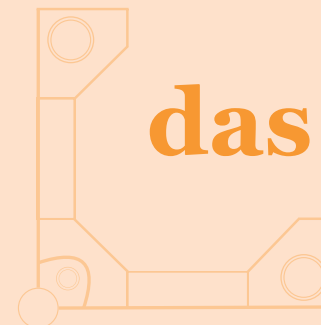
Um tempo atrás, a praça estava descuidada, “*estava terrível, cheia de droga e violência*”. Hoje tem guardinha, tem grama plantada, tem decoração de natal e menos sombra para o perigo se esconder. Ainda assim, Antônio nunca mais trabalhou à noite. Sai às seis da manhã e volta às seis da noite.

O tempo passa e o movimento decide finalizar o expediente de Antônio. Ele fecha a cadeira azul, sobe numa estrutura metálica encostada na parede, apoia o pé direito na árvore e guarda o pequeno assento. Tranca com cadeado. Abre um armário, pega a sacola de mangas. Às 17h40, monta na moto e vai embora, dobrando na Rua São Francisco, rumo ao aconchego da família.

Às 17h55, o último mototaxista deixou o ponto.



Inventário



das



Esquinas

Antes que o comércio levante as portas e que as motos se alinhem no ponto ao lado, ele já está de pé.

“Essa daqui era a antiga farmácia do Dr. Belém”, conta Cabecinha, de 72 anos, apontando para uma das esquinas da Rua São Pedro. “Ali era a Gráfica Sobreira”, e indica o prédio ao lado do ponto de ônibus, do outro lado da rua. Foi por aquele trecho da praça que viu todo aquele conjunto mudar de nome, de fachada e de dono. Cabecinha — como é conhecido — aponta para os prédios, revivendo um álbum de fotografias invisível que só ele pode ver. “Minha filha trabalha ali, na Casa dos Viana”, e aponta para a Casa Que Virou Escola (p. 78), do outro lado da praça.

Aos 72 anos, Cabecinha chega na praça por volta das cinco da manhã. Sai da Rua da Glória ainda no escuro e percorre, a pé, seis minutos de trajeto. Veste a camisa do Palmeiras como farda — nas costas, a identificação simples em verde: “flanelinha”*. A roupa não é uniforme oficial, mas funciona como marca de ofício e de pertencimento. *“Eu acho melhor estar aqui do que dentro de casa”, diz, enquanto ajeita o balde e prepara o pano. Trabalha ali há cinquenta anos como catador de materiais recicláveis e flanelinha, sempre no mesmo trecho da calçada, a poucos metros do ponto de mototáxi.*

A profissão de flanelinha costuma existir à margem do olhar apressado da cidade — tolerada, mas raramente reconhecida. *“Tu tá dando dinheiro pra esse menino?!”*, ele repete uma das muitas falas que já ouviu por aquela quadra. A frase quase sempre vem como forma de censura ou desconfiança.

Mas, quando os olhos se voltam para a praça, é a Cabecinha que muitos recorrem. *“De vez em quando o povo vem saber da Praça Padre Cícero. Já fui entrevistado pela Record, pela Band...”*. Na ausência de placas explicativas ou guias

oficiais, o pracista se tornou uma espécie de guia histórico da praça. Não fala em datas exatas, nem em decretos, mas aponta os prédios que já mudaram de dono, lembra onde funcionava cada comércio, recita nomes antigos como quem chama velhos conhecidos para a conversa. *“Naquele tempo era diferente demais”.*

Entre lembranças, uma história volta com gostinho de anedota:

“Eu já lavei o carro de Luiz Gonzaga, um carro amarelo. [...] Ele se hospedou ali onde ficava o antigo hotel e disse ‘ei, lava esse carro aí’. Aí quando eu fui cobrar, ele disse ‘eu num tenho dinheiro não’”, ri ao contar. A praça, para ele, é um pouco de tudo: trabalho, memória, convívio. Foi ali que juntou dinheiro para levantar a própria casa, criar os filhos, garantir o sustento. Continua mesmo depois de aposentado: “Até dia de domingo eu venho, porque gosto de estar aqui”.

Não é difícil encontrar Cabecinha andando pela praça e seu entorno. Está sempre em movimento. Atravessa a Rua São Pedro, passa no restaurante Manjar de Mãe, bem em frente ao ponto de mototáxi, e pede as latinhas que ficaram do dia. Volta rápido se percebe a aproximação de um carro. Quando um automóvel encosta, ele se apressa: tira do canto um dos papelões que guarda próximo ao paralelepípedo da calçada e o posiciona no para-brisa; uma forma de conter o mormaço do sol intenso, característico de Juazeiro do Norte. Depois puxa o balde, molha o pano. Lava, seca, vigia. Serviço completo por 20 reais: *“Por mês, dá pra tirar um salário”.*

O flanelinha já é figura conhecida pelas redondezas. Circula entre os estabelecimentos como se estivesse em casa: entra, cumprimenta, pede um copo d’água, agradece a marmita que aparece na hora do almoço. *“Hoje no almoço eu comi foi duas quentinhas”, conta, caindo na risada. Depois se aproxima de*

mim, baixa um pouco a voz, como se fosse revelar um segredo:

— Tá vendo essa pousada aí? O café da manhã dela é mais bem zelado que essa outra. — Aponta com o queixo, sem tirar os olhos do movimento.

— O senhor toma café da manhã nelas?

Ele arregala os olhos, espantado com a obviedade da pergunta:

— *Oxi! Quando tem romeiro aí, eu como é tudo. Nessa daí e na outra.* — E ri de novo, satisfeito. Cabecinha aprendeu a decifrar os calendários da fé também pelo estômago. Sabe quando a cidade enche e a mesa farta.

Mas também é nesse tempo de romaria que o trabalho aperta: quando o período se aproxima, o estacionamento se torna inviável diante do fluxo de pedestres, carrinhos de vendedores e procissões. *“Fico só com a reciclagem mesmo, mas ainda dá dinheiro. Vendo uns 30 quilos de lata”.*



Duas badaladas ecoam pelo espaço. Cabecinha para por um segundo e levanta o rosto, quase por reflexo: *“Duas horas”*, anuncia. O som se infiltra na conversa, corta o calor da tarde e reorganiza o instante. É a Coluna da Hora, sentinela de concreto erguida ao lado da estátua de bronze. *“Todo dia um senhor de idade vem dar corda nela”.*

A coluna permanece ali como testemunha de um projeto de cidade — um Juazeiro que, em meio às incertezas, quis organizar as horas como sinal de progresso. Em 1935 — um ano após a morte de Padre Cícero —, a Coluna da Hora foi incorpo-

rada à paisagem. Construída pelo italiano Agostinho Balmes Odísio durante a gestão do prefeito Francisco Nery, sua presença sinalizava um novo momento: a necessidade de afirmar que a cidade continuaria existindo para além da figura do sacerdote.

Segundo relato do pesquisador Roberto Júnior, publicado no site Cariri das Antigas, a estrutura teria sido projetada especialmente para abrigar um presente dado a Padre Cícero ainda em vida: um relógio fabricado pelo mestre relojoeiro Pelúcio Correia de Macedo, seu amigo próximo. No alto da coluna, o mecanismo passou a marcar não apenas as horas, mas também os dias, os meses e até as fases da lua.

Mais do que medir o tempo, o relógio o tornava público, visível, compartilhado. Décadas depois, a Coluna da Hora segue em funcionamento. A publicação de Roberto registra que, em novembro de 2020, passou por restauração conduzida pelo mestre relojoeiro Geraldo Ramos



Freire, com a colaboração dos filhos, Junú e Marcus Freire.

Em entrevista à revista Memórias Kariri nº 8, mestre Geraldo chega a comparar a engrenagem da Coluna da Hora com o Big Ben, relógio localizado em Londres, considerado o mais famoso do mundo:



“O relógio mais importante do mundo é igual a esse que nós temos aqui”.



Muitos anos depois, o maquinário foi transferido para o térreo da estrutura, permitindo que quem atravessa a praça acompanhe o movimento das engrenagens e o funcionamento do carrilhão — responsável pelas mesmas badaladas que, agora, Cabecinha traduz sem hesitar.



Entre um carro e outro, o flanelinha permanece atento ao que acontece na praça. Pelo meio da tarde, ele puxa o tamborete e se senta ao lado do carrinho de mão onde guarda as latinhas acumuladas ao longo do dia. Dali, observa e comenta. Conversa com vendedores, troca provocações com os mototaxistas do ponto ao lado: *“Tudo é colega da guerra aqui”*. Um dos seus amigos mais velhos é César, dono da **Banca Padre Cícero** (p. 24). Companheiros de permanência que compartilham o mesmo chão, ainda que vivam de idas e vindas.

Quem vive da praça quase nunca é chamado pelo nome de

batismo. Como Cabecinha, muitos ali existem mais pelo apelido do que pelo registro. Descobri que foi ele quem rebatizou Antônio de “Quatro Ôio”, por causa dos óculos grossos: *“Ele num enxerga não”*, justifica, entre riso e implicância. Já Roberto, outro companheiro das redondezas, virou “Roberto da Pombão”. Cada nome carrega uma pequena história, uma marca de convivência. *“É uma piada. Então tem que ter um apelido, né?”*, diz, rindo das travessuras que passam pela roda de homens nas horas mais lentas do dia.

Na lógica da praça, todo mundo ganha um segundo nome. O dele próprio nasceu como revanche. Antônio, alvo constante das brincadeiras, resolveu devolver: *“Ele achou que eu tinha a cabeça grande”*. E assim ficou Cabecinha. *“Na minha rua, se for procurando pro meu nome, ninguém sabe. Pro meu nome, ninguém sabe não. José Pereira da Silva”*, revela seu nome completo, contando um segredo tardio, mas é Cabecinha quem responde quando chamam.

A praça também é feita de notícias miúdas e fuxicos* que circulam de boca em boca. No intervalo do serviço, ele se aproxima de Santo, vendedor de água, e puxa assunto sobre o engraxate* da praça:

- O Gil tá doente?
- Tá, já tá internado de novo.
- O médico tirou ele da bebida e ele teimou, bebendo direto aí. Pegou problema de pulmão e diabetes.

Cada notícia encontra ouvido atento, comentário breve, um silêncio que dura poucos segundos antes de outro assunto nascer. A vida da praça se sustenta nesse vaivém de histórias pequenas. Algumas delas se fixam em estruturas de madeira e zinco, em bancadas gastas pelo tempo, em capas de revistas que já mudaram de década.

BANCA PADRE CÍCERO



A poucos passos de onde Cabecinha comenta sobre conhecidos, há outro ponto de permanência — mais silencioso, mas igualmente atento ao movimento da praça.

— Opa! Me vê um Lucky Strike. — o cliente se aproxima da banca.

Antes de vender cigarro, a Banca Padre Cícero vendia notícia. Revista, jornal, cruzadinhas, palavra impressa. Houve um tempo que também vendia álbuns de figurinha para a criançada. Hoje, quase ninguém pede impresso. “Acabou. Agora só vende cigarro”, diz Cabecinha.

Os expositores contêm um pouco de tudo: gibis, figurinhas, revistas de artesanato, livros e jornais — alguns mais atualizados, outros parecendo juntar poeira. César Cardoso, de 75 anos, continua atrás daquela estrutura que já foi verde, depois laranja, depois propaganda, ao lado do [Posto 0001 \(p. 11\)](#). Não fala quase nada, pois o câncer de pulmão tomou-lhe a garganta. “Por causa do fumo”, disse Cabecinha.

Foi ele mesmo quem escolheu Cabecinha para contar sua história. De acordo com o flanelinha, a banca existe há mais de 50 anos e foi a primeira instalada em Juazeiro do Norte, na década de 1970. “Eu conheço ele desde que ele montou essa banca aqui. Veio numa Mercedes de Fortaleza. Ele comprou lá”.

Naquele período, a banca representava novidade e acesso à informação. Reunia jornais de grande circulação no Nordeste, como *O Povo* e *Diário do Nordeste*, além de revistas de alcance nacional, como *Veja* e *Cláudia*. Acompanhou também os primeiros lançamentos das revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* e a febre dos álbuns de figurinhas temáticos que mobilizavam crianças e adolescentes há anos atrás. Em

uma praça ainda em transformação, a estrutura marcava a presença do impresso e ampliava o contato da cidade com o que acontecia fora dela.

Mais tarde, outras duas bancas foram instaladas na praça, marcando um período de maior circulação de jornais e revistas em Juazeiro do Norte. “Uma delas era de Seu Chico, bem ali”, diz Cabecinha, apontando para a calçada da Rua São Francisco, na esquina com a São Pedro. Ele não sabe precisar quando as demais encerraram as atividades, mas resume: “Só sobrou a da Padre Cícero mesmo”.

César, a banca e Cabecinha envelheceram lado a lado na praça. Um atrás da janelinha, outro do lado de fora. Um vendendo notícia e cigarro; o outro observando o movimento, lavando carros ao lado. Agora, quando César já não consegue sustentar a própria fala, é Cabecinha quem narra.

Não lembrava o sobrenome nem a idade de César, mas sabia que “o pai dele era Doutor Mozart [Cardoso], que era prefeito de Juazeiro”. O mandato ocorreu entre 1973 e 1975, segundo registros da Prefeitura de Juazeiro do Norte.

Depois de anos trabalhando como fiscal da prefeitura, César se aposentou e passou a dedicar os dias à banca. Sai de casa pela manhã, quase sempre usando camisas de botão e bermudas de algodão — roupas leves para o calor da cidade. Faz caminhada com o cachorro e, às oito horas, abre o portão da estrutura metálica. Põe os expositores à mostra e se recolhe numa cadeira de balanço em frente à janelinha. Às vezes, passa um filme antigo na TV: *Charlie Chaplin* na tela. Ele gosta dos clássicos.

O pote de balas e pirulitos em cima do estreito balcão participaram da infância de muitas crianças. CDs e DVDs quase escondidos de *The Fever* e músicas de *seresta**, isqueiros

e caça-palavras. Tudo ali parece suspenso no tempo como lembrança viva. Dessas que reaparecem no gesto automático de escolher um doce ou folhear uma *Capricho*, uma *Recreio*. Uma nostalgia que não é individual, mas compartilhada. Cabecinha conta que ainda existem clientes fiéis na banca: “Conheço muita gente antiga que vem e compra. Compram revista, jornal velho...”. Na tentativa de acompanhar o avanço das tecnologias e as mudanças no consumo, a banca passou a funcionar também como uma pequena conveniência. Nela, encontro desde itens básicos até os mais inesperados: cola *Super Bonder*, fones de ouvido, cabos de extensão e alguns DVDs de filmes pirateados — produto de grande circulação no Centro da cidade, sobretudo nos anos 2000.

No alto do expositor, quase fora do alcance dos olhares mais apressados, uma seção de revistas eróticas dividia espaço com alguns DVDs, posicionados de forma discreta acima das demais publicações. Houve um tempo em que aquele canto tinha freguesia certa. Homens que chegavam sozinhos, pediam timidamente pelo título sem encarar muito o vendedor, voltavam no mês seguinte. Antes da internet

ocupar as madrugadas, era ali que parte da curiosidade masculina encontrava distração.

Quando pergunto sobre o lucro da banca, César gesticula pequenas palavras com os lábios. “*Muito pouco*”, e balança a cabeça. Há lugares na praça que já não se sustentam pelo dinheiro que entra, e sim pela memória que permanece. Mantêm-se por hábito, por história, por uma fidelidade silenciosa ao que sempre foram ali.

Enquanto exploro os conteúdos da banca, César se aproxima com um retrato: duas garotas sorrindo para a foto. Cabecinha reconhece uma e aponta para a moça da direita: “*Essa é Liliane. [...] Vem de manhãzinha todo dia olhar ele. É uma menina bem alta*”. Mais tarde, descubro que César já é avô — talvez por isso nunca falem balas e pirulitos nos potes.

De vez em quando, ele deixa seu pequeno domínio para tomar ar, cumprimentar os colegas ou tomar um caldo na padaria da esquina. Ao sol, nunca dispensa o chapéu-panamá branco, que protege seus cabelos longos, já totalmente brancos.



César se aproxima de uma das rodas de conversas que se formam ao longo da tarde, junto a Cabecinha e mais dois colegas, que comentavam como a praça “*tá cheia de vagabundo*”. A segurança parece ser uma preocupação em comum entre os trabalhadores da praça.

— Disseram que nessa semana assaltaram a farmácia aí.

— Eu vi o caba*. Fizeram um baculejo lá e a mulher tava com 20 latas de leite. Aí soltaram a mulher e levaram o caba. Ainda hoje tá preso. — Para comprar drogas ou comida, ninguém sabe ao certo qual era o objetivo do roubo, mas todos deixavam escapar alguma suspeita.

— Às vezes tá devendo droga, aí tem que pagar.

A banca também já tinha sido alvo de um assalto há muito tempo. Enquanto come uma pipoca Gravatá, Cabecinha lembra que, cerca de 4 anos atrás, alguém entrou por cima da estrutura da banca e levou toda a renda de César. “*Levou tudo. Ele ficou no prejuízo, viu*”. Diz que até hoje “*o caba tá solto por aí*”. Apesar das dificuldades que enfrenta, a banca continua presente no cotidiano da praça, se adaptando aos novos tempos enquanto puder.

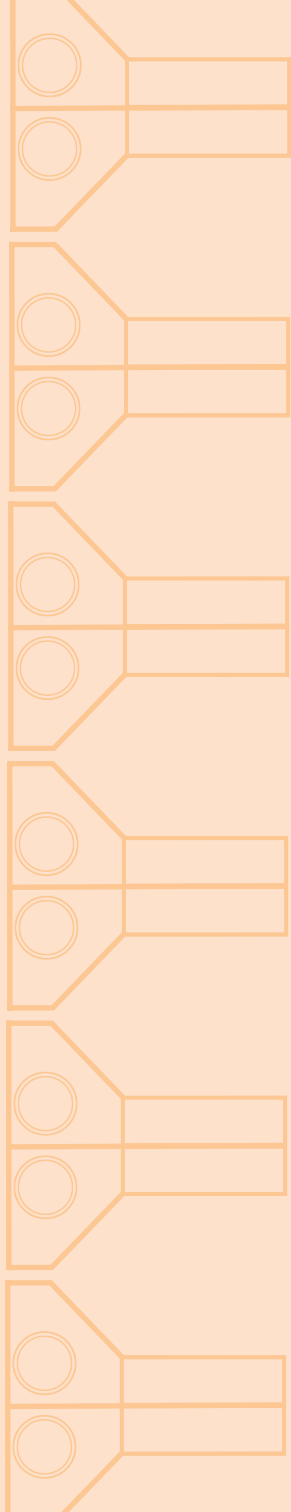
César é quem define seu próprio horário de saída: às vezes encerra o expediente às 14h, outras vezes só às 16h, depende do movimento e de sua disposição. Cabecinha conta que, de vez em quando, César sai do trabalho e vai para algum bar próximo para beber. “*Eu já sei quando ele bebe, porque ele fica com a boca torcida*”, e imita a feição com sua própria boca, torcendo os lábios.

Quando chega o momento de ir embora, ele fecha a janelinha, recolhe os expositores para dentro e desce a rua, encerrando mais um dia de trabalho. A Banca Padre Cícero permanece como um dos estabelecimentos mais antigos em atividade no local, sustentada menos pelo volume de vendas e mais pela

continuidade de quem insiste em mantê-la aberta.

Sobre o futuro, César não faz projeções. Limita-se a abrir pela manhã e fechar à tarde, repetindo um gesto que, há mais de cinco décadas, mantém a banca de pé.

Farmácia dos Pobres



O Bálsamo da Vida* perdura por gerações como um remédio que virou costume. Fórmula original de Juazeiro do Norte, o medicamento fitoterápico é procurado por romeiros, moradores, escolas e até outras farmácias. Carrega a crença do povo de que serve para “tratar de tudo um pouco”: ferimentos, queimaduras, problemas gastrointestinais. Males do corpo comum, da rotina, da estrada. Com o tempo, ultrapassou a dimensão terapêutica e se transformou em herança cultural da cidade, incorporado ao cotidiano da população e à fé de muitos romeiros que o levam consigo como lembrança e cuidado engarrafado.

— Todo ano a gente passa aqui e compra — revela uma senhora romeira de São Gonçalo do Amarante (CE), cidade a 558km dali. Ela e mais três familiares saem levando cerca de cinco garrafas “*pro povo de casa*”.

Esse remédio é vendido principalmente na Farmácia dos



Pobres, que se mantém exclusivamente com a venda e distribuição do produto. Em épocas festivas, como as romarias que se espalham pelo calendário religioso da cidade, chegam a sair cerca de 500 frascos por mês. De vez em quando, alguns curiosos perguntam pelo preço:

- Quanto que tá o menorzinho?
- É 38.
- Valha! Aumentou muito. É o menorzinho mesmo?
- É sim.
- Pois num vou poder levar hoje não.

Entre as construções na Praça Padre Cícero, que se estende por décadas de reformas, substituições de casarões e modernizações apressadas, a farmácia está ali desde muito antes. Atrás do balcão de madeira está José Antônio Santos — o Galego —, 68 anos. À primeira vista, quem entra mal o enxerga além do cabelo cacheado já todo branquinho: a estrutura alta do balcão lhe encobre o corpo enquanto ele está sentado, assistindo às notícias do dia pela tela do celular.

O valor do bálsamo já foi bem mais acessível, lembra ele: *“Era muito barato. Uma garrafinha dessas era uns 5, 6 reais”*. Toda venda é anotada nos papéis guardados numa gaveta no balcão de madeira. Depois presta conta ao dono.

Ele trabalha das 6h às 16h no mesmo ponto. Atende romeiros, moradores antigos e curiosos que entram para perguntar pelo bálsamo. É o funcionário mais antigo da casa: está ali há 30 anos. Quando fala da farmácia, começa pela data: 1913. Diz o número com precisão, embora afirme: *“não sei tanta coisa”*. A farmácia se instalou quando a cidade ainda se organizava e a praça assumia sua função simbólica e econômica. *“Aqui é antigo”*, resume.

O farmacêutico José Geraldo da Cruz (1889 - 1978) foi o

fundador da farmácia. Mas seu trabalho não se limitava a vender medicamentos: *“Se o caba chegasse com o braço quebrado aqui, aí ele encanava. Perna ele encanava, arrancava dente cru... E na época ele num cobrava nada não”*, dizia Galego. O nome “dos Pobres” não era estratégia de mercado, mas prática do cotidiano. Os antigos alicates e ferramentas que o antigo dono usava ainda estavam expostas sobre as prateleiras ao fundo: *“esse frasco aí deve ter uns 100 anos”*, e aponta para um tubo de bálsamo.

Numa cidade formada sob a narrativa da devoção — erguida em torno da figura de Padre Cícero e impulsionada pelo fluxo constante de romeiros —, Juazeiro se estruturava enquanto aprendia a existir como município autônomo. O zelo pela comunidade se tornou modo de sobrevivência daquele antigo vilarejo: a forma como se atendia, se improvisava uma cura ou se estendia a mão a quem não podia pagar moldava reputações e criava vínculos duradouros.

Se a praça é o alicerce sobre o qual a cidade se organiza, a Farmácia dos Pobres é uma de suas camadas mais antigas — anterior, inclusive, ao desenho oficial do logradouro. Quando a atual Praça Padre Cícero foi instituída, em 11 de janeiro de 1925, ainda sob o nome de Praça Almirante Alexandrino de Alencar, a farmácia já funcionava há mais de uma década. Instalou-se no centro do antigo “Joazeiro” e ali permaneceu enquanto a cidade se expandia ao redor.

A partir da década de 1950, o processo de transformação espacial tornou-se mais intenso. Antigos casarões e comércios do núcleo original foram demolidos. Em seu lugar, surgiram bancos, clínicas médicas, sorveterias e novas farmácias. O entorno se adensava, adaptando-se a uma lógica cada vez mais voltada aos serviços.

Por dentro, entretanto, a praça parecia perder centralidade.

Em 1949, um artigo de opinião publicado no Correio de Juazeiro já registrava a sensação de perda. Descrevia o espaço como marcado pela ausência e pela memória:



“Mas a nossa praça dá-nos hoje uma triste impressão, devido ao abandono a que foi condenada. Há muito perdeu a vida, a alegria e os atrativos para os frequentadores dos velhos tempos. Não vemos mais aquele ambiente de jovialidade. Podemos chamá-la ‘Praça da Saudade’.

Da grama verde de outrora nada mais resta. [...] A ‘Praça da Saudade’, antiga Praça Almirante Alexandrino, apresenta hoje um triste e desolador quadro: sem bancos, sem jardins, com a grama ‘careca’ e pessimamente iluminada.

Faz-se mister a volta da ‘velha’ praça — alegre e cheia de atrativos, ladeada de jardins floridos, gramas verdes”.



O tempo moderno, anunciado pelas badaladas da Coluna da Hora, passou a se materializar na paisagem urbana. A cidade crescia. Ajustava-se. Corria. E, no meio desse movimento, algumas construções resistiam como vestígios de outras

temporalidades — âncoras capazes de segurar a memória em meio às sucessivas camadas de mudança.

Entre elas, a própria Farmácia dos Pobres.

Enquanto a praça se transformava, ela permanecia no mesmo endereço desde 1913. Com o falecimento de José Geraldo, Carlos Alberto Cruz (1932–2021) herdou o negócio do pai e deu continuidade ao ofício. A farmácia — conhecida pelos gestos de caridade que lhe deram fama — também ajudou a projetar seu nome para além do balcão. Carlos Alberto viria a ocupar a prefeitura de Juazeiro do Norte em dois mandatos (1989–1992 e 2001–2004), num território em que, não raro, a fronteira entre filantropia e capital político se mostra tênue. Foi nesse meio tempo que Galego foi contratado.

Nascido na zona rural de Juazeiro do Norte, José Antônio começou a trabalhar aos oito anos de idade e logo largou os estudos. “*Você sabe, os pais naquela época num ligava pra isso não*”, naturalizando o que hoje nos soa precoce demais. O trabalho vinha antes de qualquer outra coisa na vida dele. Antes da escola e da própria infância.

— Eu ia para a escola só para brincar, né? Aí eu não via... E a gente se arrepende, né? A gente chega na idade... Fica mais velho e tudo, aí o caba.... — Não consegue finalizar a frase e logo desvia o olhar.

Conheceu Carlos Cruz enquanto passava por um problema de saúde. Já morando na cidade, no bairro da Palmeirinha com sua esposa e seus três filhos, necessitava de tratamento médico. Um “cumpadi”* de Galego o apresentou para o dono da farmácia. “*Aí depois pedi pra ele me ajudar, sabe? Porque eu não tinha nada, né? Não tinha nada, nada, nada. O que eu ganhava eu só usava pra comer e não era nem pra comer*”.

O falecido Carlos ajudou Galego e o indicou para um novo emprego: trabalhar para sua filha, Ana Paula Cruz, numa indústria de roupas íntimas. Mais tarde, foi chamado para trabalhar na função de ajudante na Farmácia dos Pobres, de onde não saiu mais.

Hoje, quem está à frente do negócio é Ana Paula, que faz questão de manter o funcionário por perto. Galego está aposentado, mas continua atrás do balcão: *“Quando eu fiz 65, falei que tava velho demais. Aí ela disse: ‘você não tá velho, é muito inteligente’. Então eu disse que vou ficar aqui até o dia que eu puder”*, e logo abaixo do bigode grisalho, uma linha de sorriso se desenha.

Assim como o pai, Ana Paula também levou o nome da família para a política. Foi deputada estadual em dois momentos e chegou a disputar a prefeitura de Juazeiro do Norte em 2020, num percurso em que a tradição da farmácia — marcada por gestos de caridade — continua dialogando com a visibilidade da vida pública.

“Antes, a pintura era amarela”, Galego me contava, apontando algumas das poucas mudanças no prédio. Hoje, o imóvel é um quadrado pintado em verde, escondido atrás de duas grandes árvores na Rua Padre Cícero. Por dentro, pouca coisa mudou. Permanecem os grandes armários e balcões de madeira, os frascos de bálsamo organizados em fileiras e os retratos dos falecidos pioneiros observando o movimento na entrada. No alto, centralizada na fachada interna, a inscrição “CASA DOS POBRES” segue no mesmo lugar desde o início de tudo.

Assim como a praça, a farmácia também passou por mudanças internas. Ajustou preços, reduziu horários, passou por crises — inclusive a pandemia, que obrigou suas portas a fecharem temporariamente. Ainda assim, manteve-se no mesmo

circuito excêntrico, que liga fé, tradição e sobrevivência. Quando pergunto sobre o futuro da farmácia, ele para, matuta* o pensamento por algum tempo e me responde: *“Carlos Cruz me disse que quando eu morrer, essa farmácia vai se acabar”*.

Em dias comuns, o atendimento corre manso. Galego tem tempo de ouvir o rádio, acompanhar o jogo do Icasa, prostrar com mototaxistas e flanelinhas. Sorrateiro, de vez em quando escapa para fumar um cigarrinho ou dar uma voltinha na praça. Vai até a entrada, encosta-se na parede e observa o movimento da rua, enquanto o cigarro queima devagar entre os dedos, marcando o ritmo lento das horas.

Mas essa calma tem prazo. Aquela semana de janeiro já anunciava a **Romaria de Nossa Senhora das Candeias (p. 50)**, que começaria daqui a três dias. Nesse período, quando o Centro de Juazeiro do Norte fica tomado de gente, o comércio estica o horário e quase não fecha — é o jeito de aproveitar o movimento e dar fôlego à economia da cidade.

— Agora essa semana eu tô lascado*. Hoje é que dia? 26, né?

— É sim.

— Vixe, essa semana eu num vou ficar em casa não. Na romaria a gente não fecha, aí vai até domingo.

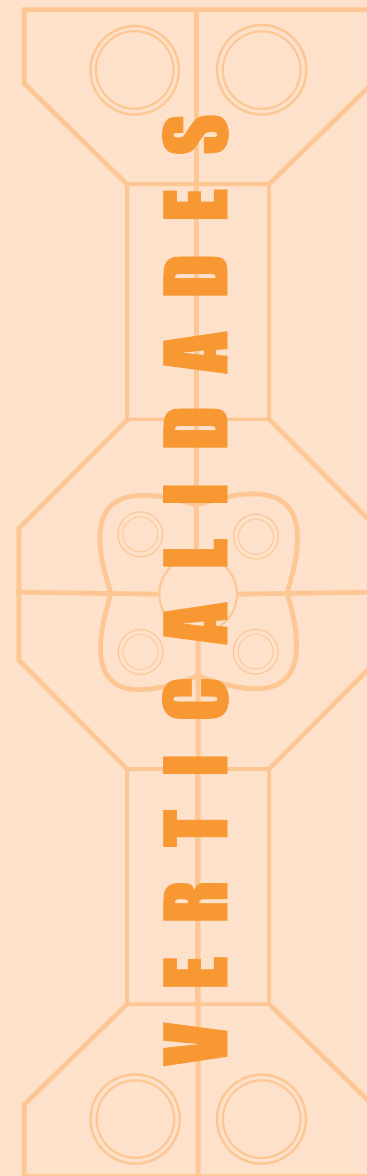
Sem pausa formal para o almoço, Galego improvisa como pode. Às vezes compra um lanche nas barracas da praça; em outros dias, divide uma marmita com Vera, colega de trabalho. Naquele dia, saiu por alguns minutos e voltou com uma sacola na mão: dois pastéis e dois copos de suco, um para ele, outro para a funcionária. Comeu ali, de pé, atento à porta. *“Tem um restaurante muito bom ali na esquina da Alameda. Aí de vez em quando a gente compra uma [quentinha] e divide”*, lembrava Vera.

Quando o relógio bate às 16h, Galego já está sozinho no salão, ajeitando as coisas antes de fechar as portas brancas da Farmácia dos Pobres. Por dentro, o dia começa a se recolher; o sol anuncia sua despedida em faixas de luz dourada que passam pelo balcão. Aproveito o silêncio e pergunto de onde veio seu apelido. Mais uma travessura de **Cabecinha** (p. 17), quem sabe?

Mas o nome vinha de muito antes.

— Porque quando eu era mais novinho, eu era sarará danado — responde, rindo baixo da própria lembrança. — Aí meu pai botou Galego do Sertão.

O nome pegou. Virou identidade, quase documento. Quase ninguém o chama de José Antônio. “*Quem chegar na Palmeirinha, todo mundo sabe quem é*”. E diz isso com certo orgulho. Sabe que pertence ao lugar tanto quanto o lugar lhe pertence.



Assim como a praça preserva histórias que se fixam nos nomes e nos ofícios, também carrega as marcas das transformações que a cidade impôs ao longo das décadas. Entre reformas, demolições e novas construções, o entorno foi sendo redesenhado, tensionando tradição e modernidade.

Um dos marcos mais expressivos dessa mudança é o edifício Arnóbio Bacelar Caneca, erguido nos anos 1980 para abrigar a agência do Banco do Nordeste. Com quase 100 metros de altura e 3.841,40 m² de área total, tornou-se o primeiro arranha-céu de Juazeiro do Norte. Sua verticalidade contrasta com o chão histórico da praça, anunciando uma nova escala de ambição urbana.

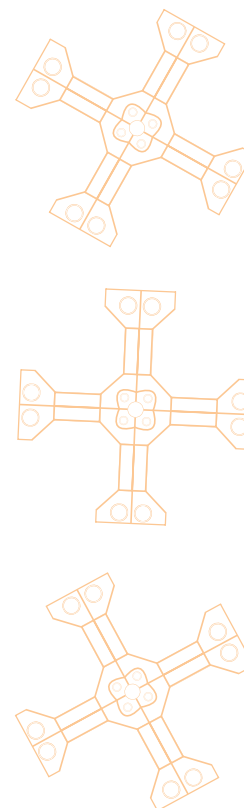
Cabecinha (p. 17), personagem antigo deste livro, guarda a memória de quando o banco ainda não ocupava o arranha-céu.

— Você sabe onde era o Banco do Nordeste?
— Sempre foi ali, não? — aponto para o grande arranha-céu.
— Não. Era naquele lá, ó... no prédio azul. — E indica um edifício baixo na Rua do Cruzeiro.

Na tese *Arquitetura Moderna Bancária pelo Nordeste* (1968–1986), de 2018, Braga Nogueira relata que o grande edifício foi inicialmente previsto para cinco pavimentos, mas teve o projeto ampliado para oito por solicitação do governador da época, incorporando camadas que extrapolavam a necessidade funcional da obra. Anos depois, parte desses espaços vazios foi ressignificada:

“[...] os pavimentos vazios da vaidade política se transformaram, em 2006, em um centro cultural, alterando a relação da obra com a cidade e, consequentemente, criando valores e ressignificando este bem junto à sociedade”.

Hoje, o Banco do Nordeste Cultural Cariri ocupa seis andares do prédio, equivalente a uma área total de 2.500m². A instituição abriga salas de exposições, bibliotecas, galerias, auditórios, entre outras salas funcionais gratuitas e abertas ao público.



O Ilusionista

No começo, quase nada. Um círculo mal ensaiado no meio da praça. Dois vendedores curiosos parados por tédio, gente passando com pressa. O mágico já estava ali, porém, inteiro no gesto. Os braços rápidos, a voz treinada para ecoar pelo barulho da praça, o suor escorrendo. O corpo ligeiro sabe que o espetáculo começa antes de haver plateia.

— É bonito, não é, cara? Não tinha ninguém. Eu comecei a fazer a brincadeira... Você vê que aqui a gente faz os truques.

Ele mexe nas coisas — cartas, panos, sacos de mágica, uma cruz — e constrói seu próprio espetáculo diante de uma plateia que começa com três pessoas. Quem passa diminui o passo. Quem diminui o passo, fica.

“Ela já fica colocando a língua pra fora. Cobra ensinada. Você quer ver?”. Segurando a cobra — real ou falsa, ninguém sabe — ele provoca a desconfiança geral. *“Pode encostar, moço. Dá um passinho pra ver de perto. Pode encostar”.* Ninguém se atreve.

E assim, a roda se fazia devagar, sem anúncio.

Turistas e romeiros começam a marcar presença em Juazeiro do Norte logo na primeira semana de janeiro. A romaria, que acontece apenas ao final do mês, se aproxima e a praça já ensaia outro ritmo. Um adolescente ri do amigo chamado para o centro. O outro finge que não quer ir, mas vai.

— Vocês são de que estado?

— Alagoas.

— Terra boooa. Vamos ver a mãozinha levantando. Mãozinha, pega força e levanta devagarinho.

Toda vez que Alemão inicia um novo truque, a expectativa

cresce. Às vezes ele começa — e, subitamente, desvia a atenção para outra coisa. Uma piada, uma pergunta, um comentário solto. Afinal, não é a mágica que conduz o show. É ele.

Expedito Cavalcante já tem estrada nos truques. É conhecido como Alemão — talvez pelos olhos claros, a pele branca tatuada, já tostada de sol, o cabelo castanho meio grisalho. É de Independência, cidade a 342 quilômetros de Juazeiro, e fala com afeto da irmã que ainda mora por lá. Foi nas lojas de São Paulo que reuniu as ferramentas do ofício, juntando técnicas, cidades e pedaços de estrada. Começou na arte de tatuar, mas largou o estúdio há um ano. Desde então, sobrevive apenas das ruas.

Tem três filhos — um rapaz e duas moças — que costumavam viajar com ele. Mora em todos os lugares, anda pelo Brasil e também por países como Paraguai e Bolívia, mas volta sempre a Juazeiro do Norte para trabalhar. Até o fim da romaria, diz. Só para isso. Trabalhar: *“No final do mês vai vir um amigo de São Paulo pra semana de romaria. É artista de rua também. Vem de São Paulo só pra fazer o show aqui”*.

Enquanto isso, a roda cresce.

O truque acontece muito perto. Perto demais para ser mentira. As pessoas se inclinam, os olhos acompanham cada movimento, como se o segredo estivesse prestes a escapar pela manga. Mas nunca escapa. *“Parece até que é verdade, minino”*, murmura um homem ao meu lado, franzindo a testa para não perder nada.

Quem chega depois pergunta o que está acontecendo. Alguns sobem na estátua central do Padre Cícero, buscando um ângulo melhor — gesto antigo, repetido ao longo do tempo, para conseguir ver melhor o que acontece na praça. Três garotos se equilibram nos ombros da escultura. *“É um show”*,

alguém responde, já envolvido.

— Aquele que estiver gostando, se achar que o artista merece, bota a mão no bolso e dá qualquer incentivo, qualquer trocado para ajudar. Que não venha lhe fazer falta.

Um real no pix, uma nota dobrada, um agradecimento. Mesmo assim, alguns contribuem. Tecnologia e rua dividindo o mesmo espaço: o celular estendido, o QR Code improvisado, o saco de mágica ainda ali, aberto. Arrancava constrangimentos e gargalhadas quando dizia: *“Só isso? Mas ome, bote a mão na carteira”*.

Começou a trabalhar nas romarias por volta de 1993, na cidade de Canindé, a cerca de 110 quilômetros de Fortaleza, capital do Ceará. A festa, que celebra São Francisco das Chagas, é considerada uma das maiores do país e ocorre anualmente entre 24 de setembro e 4 de outubro, reunindo romeiros de diversas partes do Brasil. Alemão aprendeu o ofício nesse movimento: no empurra-empurra dos romeiros, nos eventos das missas misturadas ao comércio, no calor que sobe do asfalto. Desde então, voltou outras vezes, se adaptando ao calendário da fé.

Mais tarde, passou a vir também para as festas religiosas de Juazeiro do Norte e fez da praça o lugar de suas apresentações. Enquanto houver gente passando, ele fica. *“Acho que vou estar por aqui o final do mês todinho”*, por causa da Romaria de Nossa Senhora das Candeias, que começa daqui a algumas semanas, no final de janeiro. No fim, fala dos próximos destinos como quem fala do amanhã: *“Rio Grande do Sul, talvez. Tô vendo aí”*, afinal, Alemão não trabalha apenas em romarias, mas em todo lugar que houver movimento. Outras praças, outros círculos.

Levava consigo uma pasta com fotos antigas, documentos, registros de saltos perigosos, fogo, venda nos olhos. Nos jornais amarelados, os tempos de glória reapareciam em manchetes: “A volta do ‘homem da cobra’”, “Tem show na praça”, “Artista conquista público em pleno Centro de Franca”.

– Isso aqui foi quando eu fui no Raul Gil, em 2002.

O espetáculo termina sem fechamento claro — porque, na rua, nada fecha de verdade. A roda se desfaz aos poucos. Algumas pessoas ficam paradas, como se ainda esperassem mais um truque, outras seguem caminho. “Perdi o ônibus por causa de Alemão. Ia pra Missão Velha e nem fui, tu acredita?”, diz um homem, rindo de si mesmo.

O mágico recolhe as coisas com calma. Amanhã tem de novo, até o fim do mês. Ele me convida para mais uma apresentação: “passe aqui amanhã”, diz.

Mas, assim como seus truques, Alemão é uma espécie de ilusão de ótica — não é fácil de se ver. Os dias seguintes foram dedicados à sua procura pela praça, sempre no mesmo horário, mas ele nunca estava.

Encontrei Alemão numa dessas tardes, no horário de almoço. Estava na Alameda, tomando uma *Brahma* sozinho à mesa. Parecia distraído, com o olhar lançado ao horizonte: outras mesas à frente e, logo depois, um cruzamento movimentado que nunca parava. O cabelo ainda molhado denunciava que havia saído do banho há pouco tempo. Provavelmente ali por perto.

— Vou estar pela praça hoje, lá pelas 17h. Passe lá.

Cheguei no horário combinado, mas não o encontrei. Conhecido na praça, perguntei a três pessoas próximas ao

local onde ele costuma ficar. “Ele disse que tinha pouca gente na praça e que num ia se apresentar não. Aí subiu por ali”, explicou o vendedor de água, apontando para um trecho da Rua São Pedro.

Um deles contou que, todas as noites, Expedito vai para Caririaçu e se hospeda por lá — “porque é mais barato, né”. Volta todos os dias para Juazeiro e se apresenta quando tem vontade. Às vezes o espetáculo acontece. Às vezes não. Mas quase sempre começa assim: pouca gente ao redor e uma praça disposta, mais uma vez, a servir de palco para algo que se vê cada vez menos.



CANDEIAS

Rafael assiste ao trânsito passar da beirada da Praça Padre Cícero, bem em frente à Escola de Saberes. Acena para cada ônibus que partia, com a satisfação estampada no rosto, e os passageiros acenam de volta. Sempre volta a esse mesmo ponto para observar os romeiros deixando a cidade.

- Hoje é o dia mais bonito que tem, só que também é o dia mais triste.
- Por quê?
- Porque a gente vai embora.

Para ele, o fim da romaria tem um sentimento muito específico: *“uma mistura de satisfação e saudade”*. Ao seu lado, está o restante da família: Seu Sivaldo e Natanael logo puxam cadeiras e tamboretas e se sentam lado a lado para ver o movimento. Dona Elisa e Dona Lúcia permanecem um pouco mais atrás, observando os bastidores daquela cena. Os ônibus, enfileirados ao longo da Rua Padre Cícero, buzina ao se aproximar da praça, anunciando a partida.

Não é só a família que assiste àquele momento. Pessoas paravam e repetiam o mesmo gesto; algumas sentadas, outras encostadas nos postes. Um casal aproveitava a vista dividindo uma batata frita, sem pressa, como se esticassem os últimos minutos naquele lugar.

A calçada à nossa frente começa a se transformar numa espécie de ponto de ônibus improvisado. Era uma ruma* de gente, cada um com sua sacola, mala ou bacia — às vezes na mão, outras na cabeça. Ninguém anuncia a despedida, mas todos sabem que aquele gesto de ficar, observar e acenar faz parte do fim da romaria. Apesar da descrição vir de Rafael, o sentimento não era só dele.

Todos os anos, entre 29 de janeiro e 2 de fevereiro, a cidade



muda de paisagem. A Romaria de Nossa Senhora das Candeias faz Juazeiro do Norte se expandir para além de suas ruas habituais e acolher cerca de 300 mil romeiros que chegam em ônibus fretados e carros lotados. Igrejas, praças, lojas e restaurantes passam a funcionar como pontos de atração e todas as pousadas do entorno são tomadas.

Chegaram numa quinta-feira à noite em Juazeiro do Norte. Durante a estadia, a família Bezerra passa pela praça pelo menos três vezes — e, em cada uma delas, o sentimento é outro. A primeira é apenas de passagem. Vêm apressados, a caminho de outros pontos de visitação. No Centro, para chegar a qualquer lugar, é preciso atravessá-la. É início de romaria, e tudo ainda tem gosto de promessa*. Os planos existem, mas são incertos.

Não se planejam com antecedência. Só quando chegam, numa sexta-feira, ao rancho do bairro Socorro — a casa de vovó Fátima, a 800 metros da praça — e se acomodam no pequeno quarto é que decidem o que farão no dia seguinte. A escolha da estadia não é acaso, mas costume antigo entre peregrinos católicos: procurar quartos e até salas nas casas de moradores da cidade, em troca de uma hospedagem mais econômica. O roteiro, se existe, nasce ali mesmo. O Centro chama antes de qualquer plano, e é a força da rua que organiza o caminho.

O rancho obedece a essa tradição secular não apenas por disponibilizar cômodos, mas por reinventar a própria residência. Durante a romaria, a casa simples de Dona Fátima se transforma: colchões espalhados pelo chão, redes armadas onde houver um gancho, painéis grandes colocadas no fogão desde cedo; cheiro de feijão e café recém-coado. Cresci vendo malas empilhadas pelos quartos e corredores estreitos, ocupando os cantos como se também precisassem descansar da viagem. O calor insistente da cidade fazendo as portas permanecerem abertas e deixando todos em movimento, abanando-se com o que estiver à mão.

O entra e sai de gente mistura parentes, conhecidos e romeiros que voltam ano após ano, como um ponto seguro do mapa. Vozes se sobrepunham, chinelos arrastam pelo piso, alguém sempre chama da cozinha. É ali que Elisa sempre nos convida, com um sorriso aconchegante, para aquelas pequenas atualizações da vida cotidiana.

De corpo miúdo, cabelo bem escuro já salpicado de grisalho e os óculos de fundo de garrafa que ampliam seus olhos atentos, Elisa ocupa mais espaço pela presença do que pelo tamanho. Fala ajeitando os cachos com a mão, presos num rabo de cavalo baixo.

Ela me conta que, naquele ano, não haviam se programado

para viajar, por causa da saúde fragilizada de seu filho mais novo, Natanael. *“Mas aí chegou o tempo e o motorista do ônibus me ligou perguntando se a gente vinha. Rafael [filho mais velho] aperreou, e a gente acabou vindo”,* disse entre risos. Magro e menor que Rafael, Natanael fala pouco, segue sempre ao lado do pai nas andanças; observando e aprendendo.

O imprevisto quase interrompe um ciclo que se estende por mais de três décadas. Natural de Inhapi, no sertão de Alagoas, Rafael Santos, 31, carrega uma tradição iniciada pelos avós paternos. Anualmente, eles pegam 410 km de estrada para deixar suas presenças na Romaria de Candeias. *“A última vez que dona Josefa veio, ela já tinha 97 anos, [...] vinha naqueles caminhão de pau de arara”,* conta Elisa, pensativa. Josefa Maria, mãe de Sivaldo Bezerra, faleceu em 2013, aos 99 anos.

Desde o início de suas idas à romaria, poucas vezes deixou de estar presente. O nome dela ainda é mencionado nas conversas como presença constante. Foi com ela que a tradição se moldou na família — era quem animava a partida, insistia para que ninguém faltasse. Mesmo ausente, continua sendo lembrada.

A tradição alcançou uma nova geração quando Seu Sivaldo se casou com Dona Elisa e passou a trazer a família inteira, mesmo antes dos meninos nascerem. *“Eu e meu irmão começamos a romaria ainda no ventre de mãe. E daí seguimos a tradição até hoje”,* lembrava Rafael.

A cada ano, alguém se soma ao percurso. Parentes, amigos, vizinhos. Desta vez, quem veio foi Dona Lúcia, irmã de Elisa. *“Acho que é a terceira vez que eu venho. Eu gosto de vir pra cá”.* À primeira vista, não pareciam irmãs; basta um pouco mais de atenção para notar as semelhanças. Mesma altura miúda, traços semelhantes, os cabelos na mesma tonalidade

escura, presos numa presilha para evitar o calor.

Na manhã da sexta-feira, a família Bezerra sai toda junta do rancho para bater perna, enfrentando um céu nublado que faz a umidade colar na pele. A chuva ameaça cair a qualquer momento, mas ninguém está disposto a recuar. *“Se chover, eu só tenho meu chapéu de palha pra me proteger”,* brinca Rafael. No fundo, era assim mesmo: preparam as garrafinhas de água antes de sair, um guarda-chuva por entre as sacolas e calçam sandálias abertas nos pés para enfrentar o calor e a lama. *“Todo mundo por aqui usa esse chinelinho”,* comentou ele, apontando para os pés da multidão.

Rafael não foge à regra. Veste uma camisa com o rosto de Jesus estampado e uma calça comprida — porque, segundo ele, *“a missa é o momento mais importante da Igreja Católica. Não pode ir de bermuda”* — e nos pés, as típicas alpercatas.

Seguindo o trajeto, a multidão já se anuncia antes mesmo da Praça Padre Cícero aparecer. Duas quadras antes, na Praça do Socorro, o ar começa a ficar saturado. Barracas se espremem sob estruturas amarelas que trazem o vento abafado. O som chega em camadas: um forró escapa das caixinhas de som, e os camelôs disputam a atenção no grito: *“Bora entrar pra dar uma olhadinha”,* diz uma atendente de loja. *“Minha senhora tem uma moedinha pra ajudar aqui?”*, um pedinte balança sua pequena caixinha de moedas nas mãos. *“Olha a batatinha, só 5 reais”.* Caminho feito de muitas vozes e passos.

Três dias antes da grande Procissão das Velas, a “Rua do Beco” — nome popular de um trecho da Rua do Cruzeiro, nas proximidades da Praça Padre Cícero — concentra ambulantes e romeiros. Terços balançam, pendurados como cortinas em grades carregadas por ambulantes. Camisas que estampam todos os santos conhecidos quase formam paredes

improvisadas. Painéis reluziam, penduradas em ganchos. Qualquer coisa pode ser comprada ali — do objeto de fé ao utensílio de casa.

As ruas que levam à Praça Padre Cícero se transformam num corredor apertado de gente e mercadoria, estendendo-se até o Centro de Apoio ao Romeiro, a cerca de duas quadras adiante. *“Menina, quando chega o derradeiro dia da festa aqui, dá agonia de andar nessa rua. Fica muito lotado mesmo. Fica em tempo de pisar no pé do outro”*, já prevê Lúcia, a voz da experiência, falando aos gritos para vencer o barulho.

A missa das 9h começa na Basílica Nossa Senhora das Dores, integrada ao Centro de Apoio ao Romeiro. Durante a romaria, a celebração adota programação especial e passa a ser realizada quatro vezes ao dia. Quem não chega cedo para garantir lugar acaba assistindo dos banquinhos espalhados pelo entorno ou permanece de pé, comprimido entre ombros e promessas. Alguns romeiros entram pagando votos: atravessam a maré de fiéis e seguem ajoelhados até o final da celebração.

– Viva Nossa Senhora das Candeias! Viva o servo de Deus, Padre Cícero! Viva o senhor Jesus Cristo!

– Viva!!!

“Já vim umas trinta vezes aqui e todas as vezes eu choro”, conta Sivaldo, com os olhos marejados, olhando Nossa Senhora das Candeias de pertinho. Antes de entrar no santuário, quase no automático, tira o boné da cabeça em reverência. *“Se você ver uma cobra coral pela igreja, é ele”*, Elisa faz piada da camisa listrada do parceiro enquanto ele se recompõe, enxugando o rosto com as costas da mão, sem dar muita importância ao próprio choro.

Descemos por uma rua e subimos pela outra, fechando a volta no quarteirão. O retorno à Praça Padre Cícero é sempre mais

demorado. As tentações atacam pelas calçadas. *“Isso aqui mãe num pode nem ver que já quer levar”*, ele aponta para um carro carregado de plantas, prontas para serem vendidas, arrancando risadas dos outros. Elisa ri, mas não desmente. Está acostumada a lidar com folhas, raízes e garrafadas; boa parte daquelas espécies expostas ao sol ela conhece pelo nome e pelo uso. Aproxima-se, apalpa uma folha aqui, pergunta o preço ali, reconhecendo velhas conhecidas no meio da multidão. Já Rafael, artista de letreiros em Inhapi, caminha atento às fachadas. Entre uma loja e outra, aponta para alguma arte nas paredes e comenta, quase orgulhoso: *“Olha, já fiz uns trabalhos assim”*.

Antes compravam muito mais, agora só *“o que é necessário”*. Mesmo assim, folheiam livros na Livraria Paulinas, experimentam roupas no Lojão de Caruaru e passam o tempo nos museus por perto — o Museu Paroquial, a Casa do Padre Cícero e o Museu do Padre Cícero.

Durante a passagem no Lojão de Caruaru, um vendedor puxa conversa com o grupo. Ao descobrir sobre a entrevista, ele comenta:

— Ela estar aqui com vocês, conhecendo a passagem, é bonito demais. Porque a gente recebe romeiro todo ano, mas tem gente daqui que não gosta. — diz, apontando para mim.

O vendedor evidencia uma tensão que paira sobre a cidade. As romarias são base da economia local: movimentam hotéis, restaurantes, lojas de artigos religiosos e o comércio popular. A cidade cresce e respira ao ritmo dos peregrinos, que garantem renda e projetam o nome do município para além do Cariri.

Ainda assim, nem todos celebram essa dinâmica. A chegada das multidões altera o cotidiano: o trânsito se intensifica,

o calor parece mais denso nas ruas cheias, o barulho se prolonga. O que para muitos é expressão de fé e identidade, para outros representa interrupção da rotina. Ao redor, o grupo concorda com o trabalhador; as vozes se sobrepõem, e a conversa se estende, revelando a ambivalência que marca Juazeiro do Norte.

No dia seguinte, o movimento continua intenso, mas o corpo já podia sentir o cansaço dos três dias fora de casa. Sentam-se nos bancos e deixam o olhar correr pela praça, desacelerando. Para Elisa, ali é onde “o romeiro se sente acolhido”. Um ponto de descanso. Para Rafael, era a chance de sair do rancho abafado e “tomar uma brisa”. Para todos, a praça funcionava como norte — um lugar para onde sempre se volta.

E não apenas como referência, mas como ponto de encontro. “Se alguém sai do bando, né? Vai pra Praça Padre Cícero”, explica Elisa. É ali que os desencontros se resolvem. Dona Lúcia, por exemplo, aguarda rever conhecidos naquele mesmo ponto no dia seguinte. Fala com gentileza de Ivanildo Ferreira e Rosa Ângela, casal de romeiros de Santana do Ipanema, em Alagoas — a quase 470 quilômetros dali. A distância é apenas um detalhe vencido pela repetição da viagem.

Como num piscar de olhos, chega o “dia mais bonito”. E então confirmo o que Rafael me dissera certa vez: “Durante os primeiros dias, o pessoal fica espalhado. Agora o dia das Candeias é o dia que todo mundo se junta”. É um mar de gente passando pela praça, descendo a Rua São Pedro.

No início da procissão, vendedores atravessam a multidão oferecendo velas. As mãos se estendem de todos os lados: algumas comprem, outras já as acendem ali mesmo, protegendo a chama do vento com a concha dos dedos. Pequenos suportes de papelão circulam entre os romeiros para conter a cera quente que começa a escorrer. Passam de

mão em mão, improvisados como escudos frágeis contra as gotas brancas que pingam lentamente.

Dos andares dos hotéis, hóspedes se debruçam nas varandas para acompanhar a passeata; até quem está apenas de passagem diminui o passo, capturado pela cena. Os romeiros avançam com destino à Basílica, velas acesas nas mãos, formando um rio de pequenas chamas de fé que ondula ao ritmo da caminhada.

Então surge o carro central, que concentra todos os olhares: ornamentado com flores, ele conduz Nossa Senhora das Candeias sobre um altar em tons de amarelo e creme, erguido acima do povo. Anjos barrocos, pintados em dourado, e velas decorativas contornam a base, quase engolidas pela multidão que avança. Quando passa, as velas acesas são erguidas quase ao mesmo tempo pelos fiéis, num impulso invisível. A chama individual se soma às outras e a rua inteira se transforma em luz. Cantam em uníssono:

“ Bendita e louvada seja
A luz que mais alumeia
Valei-me meu Padim Ciço*
E a Mãe de Deus das Candeias.

”

Em Juazeiro do Norte, fé e festa se entrelaçam. Missas e shows católicos incorporam o forró, as quermesses, as procissões. O sagrado divide espaço com o entretenimento cotidiano, enquanto a Alameda e as atrações no entorno da praça revelam o que há de mais profano para ser desfrutado. Uma birita na mesa do bar, uma seresteira (p. 62) puxando canções no teclado, efeitos de luz azul e vermelha reluzindo contra o branco dos postes — mas isso é assunto para os próximos capítulos.

Naquele momento, porém, algo altera a cadência da cidade. O

Trenzinho da Alegria — que costuma atravessar as ruas em alto volume, embalado por funk, sertanejo ou pop — silencia diante da passagem da procissão. Lá do alto, os passageiros interrompem a euforia e acompanham em quietude o cortejo de velas. Talvez por respeito. Talvez por reconhecimento.

“Vou ficar por aqui. Tá cheio demais lá embaixo”, ouço uma moça comentar. Os bancos daquele lado da quadra logo são tomados por espectadores que preferem interromper a caminhada antes do fim. A procissão segue adiante, mas muitos se deixam puxar pela densidade da praça, entrando aos poucos. Gente que escolhe ficar e assistir, transformando o trajeto em ponto de chegada.

Da Basílica Nossa Senhora das Dores, os fogos rasgam o breu da noite, faiscando cores no céu e anunciando o encerramento da celebração. Pouco a pouco a praça muda de ritmo. O que antes era procissão se torna permanência. A noite assume o



centro da cena. Tomada por devotos da santa e devotos da própria diversão, a praça se reinventa — entre conversas demoradas, risos soltos e luzes acesas.

O forró volta a ecoar no coração da praça. Em frente à *Coluna da Hora* (p. 20), o tecladista se entrega às notas com entusiasmo, balançando o corpo como se quase abandonasse o instrumento para dançar. À sua frente, uma pequena senhora romeira de Pernambuco gira em passos improvisados ao som de *Coração*, de Dorgival Dantas, deixando sua saia acompanhar o compasso da música.

“Ouvia demais essa aí... Moleque de escola. Eu estudava à noite”, lembra Rafael.

Quando os últimos acordes do forró se dispersam pelo ar e a noite começa a esvaziar seus excessos, a romaria se encaminha para o fim. Lúcia mexe nos óculos como uma forma de enxergar melhor; anda de um lado para o outro, a saia balançando, ainda à procura dos amigos que prometera rever.

Os ônibus já ocupam boa parte da rua. Motores ligados, aguardando o embarque dos romeiros. Rafael me explica que muitos partem logo após o encerramento da procissão. A família Bezerra, não. Eles esperam a madrugada. Ficam até o último instante, na tentativa de que o tempo se demore mais um pouquinho.

Voltam para Inhapi quando a cidade já está prestes a silenciar outra vez. É tradição dentro da tradição: permanecer até o fim, acenar para quem parte, guardar o movimento na memória e só então seguir estrada, selando silenciosamente uma promessa de retorno.

Noite de Seresta

— Com vocês, Lady Baiana ao vivo! — anunciam as caixas de som. Os dias de sexta e sábado no restaurante Altas Horas costumam ser lotados com as apresentações da cantora de seresta, mesmo em ocasiões improváveis, como um sábado de carnaval nublado. Ela entra sem cerimônia, com a mesma naturalidade que segura o microfone e aperta o conjunto de teclas daquele teclado. Atravessa pelas brechas entre as mesas, cumprimenta um, toca no ombro de outro, sorri para quem já a espera com o celular em mãos.

Passa pelas mesas mais próximas como se não estivesse começando um show, mas reencontrando velhos conhecidos. E, de certo modo, está. Há ali uma plateia que não é eventual — é fiel. Gente que já conhece o repertório, gente que vai só para ver ela tocar.

O restaurante Altas Horas, na rua São Francisco, bem em frente à Praça Padre Cícero, ressoa numa geografia muito própria das noites da cidade: cadeiras amarelas de plástico que se arrastam no chão, garrafas suando sobre as mesas, crianças para lá e para cá entre um pedido e outro. O palco é improvisado: duas caixas de som e um teclado já bastam para a seresteira fazer a festa. Não há distância segura entre artista e público. Ladyzette Ribeiro, conhecida por Lady Baiana, 57, canta a poucos passos de quem a escuta.

Sua presença se confirma antes mesmo da primeira música. Rabo de cavalo alto e loiro, brincos grandes dourados. Usa um cropped preto com pedrarias prateadas, saia longa rosa com babados de renda e tênis confortável nos pés para aguentar horas em pé. À frente, o teclado decorado com piscas-piscas e uma pequena luz que alterna vermelho, azul e verde. No lugar das partituras, um notebook exhibe as letras — embora ela já soubesse de cor.

— Aqui, a praça não é muito frequentada pelo pessoal daqui não, é muito pouco. Mas quando tem romeiro, aí mistura. Aí completa, aí enche, lota. Fica bom.

Em questão de minutos, as mesas vazias foram ocupadas. Romeiros e turistas vindos de Recife (PE), Garanhuns (PE) e Arapiraca (AL) pediam alô à cantora e cantavam *Onde Anda Meu Amor*, de Léo Magalhães. Alguns estavam acompanhados pelas famílias, outros por amigos. A vaia cearense* também estava presente: foi só a sofrência começar para um “IIIIIRRAA” ser ouvido em todo o estabelecimento. O point reunia pessoas de passagem pela cidade, mesmo fora da época das grandes romarias. Lady diz que eles vêm para Juazeiro do Norte “*pra fugir do carnaval*”.



Chega a ser curioso como o lugar se torna parada quase obrigatória para quem vem de fora. Mesmo quem não conhece a cantora acaba atraído ao passar pela praça ou pela Alameda, guiado pelo som que se espalha pela rua. Horas antes da apresentação, ela explica essa dinâmica: “*Ninguém nunca chamou tanta atenção dos romeiros igual eu. É isso que as pessoas falam*”. Muitos voltam todos os anos a Juazeiro do Norte só para encontrá-la. Avisam quando chegam à cidade, ansiosos pela próxima apresentação.

— Quando eu estou cantando, eu vejo a alegria do romeiro. Aquele sorriso. A gente esquece de tudo lá fora. É viver aquele momento ali junto com os romeiros. E eles são carinhosos com a gente.

Esse vínculo não termina quando o show acaba: há quem a acompanhe de romaria em romaria, quem traga amigos na viagem seguinte, quem frequente até sua própria casa. O que começa como plateia vira amizade e convivência. Ladyzette fala com afeto. Sorri enquanto conta as histórias e, às vezes, desvia o olhar por frações de segundos, como se passasse por uma lembrança específica. Está sentada à mesa do restaurante ao meu lado, antes do movimento da noite, acompanhada apenas de uma Coca-Cola zero.

Algumas dessas memórias começam na praça da Rua Santa Cecília, oficialmente Praça Cônego Climério. Conhecida por muitos moradores do bairro do Socorro como a “*pracinha dos bêbados*”, é ali que ela também canta. O espaço, a cerca de um quilômetro da Praça Padre Cícero, é marcado por homens embriagados a qualquer hora, consumo de drogas e encontros discretos pelas madrugadas. Ainda assim, ela monta o teclado e as caixas de som. Diz que se não cantar lá, “*o romeiro vem todo dia reclamar*”.

— Primeiro eu tinha até uma energia lá por conta do prefeito. Depois o povo começou a bagunçar demais, aí ele tirou a energia. Agora eu tenho que pagar pro vizinho lá. E os romeiros tudo me ajuda a pagar.

Penso que talvez ela goste tanto dessa comunidade católica porque se reconhece nela — na fé e na festa, na promessa paga e na música que celebra depois. Lady ocupa essa ambiguidade: canta a sofrência, mas também acompanha o romeiro; anima a noite, mas fala de oração com firmeza. Direto de Sento Sé (BA), cidade a 542 quilômetros dali, ela chegou a Juazeiro

do Norte em 2007, ao lado do marido, Pedro Lourenço, o “Pedroso”, de 64 anos, natural da terra de Padre Cícero. Antes de se tornar cantora na cidade, já era romeira e vinha de tempos em tempos. *“Católica apostólica romana. Leio a bíblia e rezo de joelhos”*, ressalta.

Em 2009, começou a cantar pelos bares do Centro da cidade. O primeiro ponto foi o antigo Bar do Telão, na esquina da Rua do Cruzeiro — trecho que os romeiros passaram a chamar de “Rua do Beco”, pela movimentação intensa nos períodos de romaria. Foi ali que o público começou a se formar:

— Lá já era o ponto dos romeiros. Os romeiros começaram a me ver cantando lá, aí tomou a rua mesmo. Toda vez que tinha romeiro lá, lotava. A rua enchia de gente.

É nesses espaços, onde o cheiro de álcool, suor e tira-gostos se mistura ao som do teclado e às cantorias em coro, que muitas amizades começam. As conversas altas, o tilintar das garrafas e o passo rápido do garçom se confundem com as canções. A música preenche os intervalos: serestas conhecidas, refrões de sofrência e a cantoria em coro.

Marquinhos, por exemplo, é romeiro de Arapiraca (AL). Ela o conheceu há dez anos, no Centro de Apoio aos Romeiros, quando tocava pelo Bar do Macarrão. *“Quando ele chegou lá com a mãe dele e outra amiga, começou a contar ‘eu nunca vim pra Juazeiro, mas só porque o povo me fala tanto lá de você, eu vim pra te conhecer’”*.

Elayne é de João Pessoa (PB) e *“vem agora na Semana Santa”*, daqui a pouco mais de um mês. Integrantes de um moto clube, ela e o marido vêm todos os anos para Juazeiro do Norte e sempre fazem questão de ver a amiga. *“Já tá certo pro almoço lá em casa. Quando ela não faz almoço lá em casa, a gente almoça fora assim, todo ano”*. Lady mostra fotos do

casal diante de uma Honda CBR: *“É igual uma irmãzinha pra mim”*.

Apesar de se perder em algumas lembranças na mesa do bar, é da Praça Padre Cícero que ela fala com mais orgulho. Foi chamada para tocar no Altas Horas pelo dono do estabelecimento, que assistia às suas apresentações no Bar do Telão. Aprendeu a observar o repertório dos músicos que já tocavam por ali, até conseguir inserir o brega na programação da praça e ampliar o público. Com o tempo, o estilo passou a fazer parte da rotina do lugar.

— Passei um tempo pra ver o repertório, como que era. Aí eu vi que todos eles aqui só era o estilo MPB. Um estilo só. Aí eu falei *“não vou cantar MPB, não. Eu vou cantar é brega”*.

Hoje, a presença dela já é parte da paisagem — como se a praça não lembrasse mais de um tempo sem a seresta de Lady Baiana. Ela se abre de rir ao contar que *“os cantores que cantam aqui na praça mudaram tudo. Agora é tudo brega”*.

Suas maiores inspirações na música também são mulheres: Diana, Roberta Miranda e Núbia Lafayette. Mas no bar, ela toca um pouquinho de tudo, adaptando o repertório ao público. Canta desde as antigas de Zezé Di Camargo & Luciano até Marília Mendonça, inclui forró das antigas e, às vezes, MPB. *“Agora o piseiro o pessoal romeiro não gosta. Eles querem sentar e tomar cerveja é com música de letra. Tem que ter uma letra”*.

A devoção também entra no repertório, com músicas específicas para os visitantes no período da romaria. Uma delas foi composta pelo seu filho mais velho, Bruno, 34, depois da primeira vez que ele visitou o Altas Horas:

“
Minha vida tem dois amores
Padin Ciço e a mãe das dores
Nosso Deus e em vossas mãos
Vivo sempre com o pé na estrada
Minha vida iluminada
Sou devoto de coração.”

O Altas Horas não é ponto de encontro apenas para romeiros. Toda quinta-feira, Lady participa do encontro de músicos no restaurante, que reúne cantores experientes e amadores. Tocadores que trabalham nas redondezas da praça se juntam ali para dividir repertório e tempo de palco. Como uma boa sagitariana, ela diz que gosta de movimento e de gente. A curtição faz parte da personalidade: *“Venho pra tomar uma cervejinha e vou brincar com meus amigos, né. Eu venho animada”*.

No meio da conversa, chama o marido:

— Oh Pedroso, mande lá fazer um pastelzinho pra mim. Você quer um pastel?
 — Não, não. Obrigada. — Recuso timidamente.
 — Ela vai querer. Mande fazer dois. É bom o pastel daí.

Hospitalidade é parte do seu carisma: *“Na Bahia, o povo é mais sorridente, alegre. O cearense, não tanto”*. Antes de subir ao palco, ela janta nas barraquinhas ao redor. *“Às vezes eu também como ali no cachorro-quente da Vanessa. Tem um acarajé ali naquela barraca vermelha”*, e aponta para as barracas entre o restaurante e a praça.

Pedroso chega a passos lentos e senta ao nosso lado. Deixou a Bahia, mas a Bahia não saiu dele: veste uma camiseta do Olodum, carregando um pedacinho do lugar por onde passou tantos anos da vida. Aproveita as bocas cheias para começar a contar a história dos dois. Passa a mão pelos cabelos

brancos, encosta os cotovelos na mesa e fala com precisão, sem esquecer nenhum detalhe.

Casados há 35 anos e hoje com dois filhos, se conheceram em 1990, em Juazeiro da Bahia (BA), cidade a 352km dali, onde também se casaram. Pouco depois, mudaram-se para Juazeiro do Norte e passaram a viver nas imediações da Praça Padre Cícero: Rua Santa Isabel, Rua São Francisco, Rua da Conceição e outras do entorno.

— Eu era negociante. Comprava carne no mercado em Juazeiro da Bahia. Ela foi no mercado comprar uma carne. E lá eu conheci ela.

— Aí quando ele me viu, endoidou, sabe? — Brincava Lady.



“Garçom
Olhe pelo espelho
A dama de vermelho
Que vai se levantar
Note que até a orquestra
Fica toda em festa
Quando ela sai para dançar”.

Entre uma canção e outra, Lady anuncia seus pendrives com mais de 20 CDs a 35 reais cada. Muitos destes gravados por ela em estúdio montado na própria casa. *“Às vezes, quando tem muito romeiro, a gente vende 10, 12, 15 pen drives”*. Além disso, já tem dois DVDs gravados ao longo da sua trajetória.

Pedroso é quem faz os testes de equipamento antes dos shows. Durante a apresentação, permanece ao lado da mulher, atento à mesa de som, enquanto come um cachorro-quente da Vanessa.

Já perto das 21h, quando os últimos refrigerantes da mesa começam a dar lugar às cervejas e as crianças passam para o colo dos pais, os vendedores de rosas surgem pelo espaço, circulando entre as mesas e oferecendo flores aos casais que se formam pela noite. No bar, acontece um pouco de tudo: *“Às vezes tem uma briguinha de mulher, assim, de pegar nos cabelo por causa de ciúmes... Essas coisas de bêbado”*.

Quando um dos garçons, João Neto, consegue um intervalo entre um pedido e outro, puxo conversa: *“A cerveja que mais sai aqui é Budweiser e Skol. Heineken sai pouquinho”*, conta o funcionário. Já o petisco que mais se via nas mesas era batata frita.

A chuva começa a cair, mas isso não abala o público: as mesas são juntadas e puxadas para mais perto da estrutura. Só mais tarde, quando a seresteira entoa as últimas músicas, a plateia começa a se dispersar. Os garçons, antes apressados, agora se escoram na parede e observam os últimos clientes: alguns homens embriagados, uma mulher que desfruta da própria companhia diante de uma cerveja e duas famílias prontas para pedir a conta.

Perto da meia-noite, passo a imitar os clientes: afasto-me do bar, já embriagada pela experiência, enquanto Lady me lança beijos pelo ar. Enquanto ela canta, a noite não termina.



Em meio a tantas transformações ao longo do tempo, a praça também reafirma seu nome e sua carga simbólica. Após a lei que oficializou a denominação Praça Padre Cícero, em 1963, o espaço foi reconhecido como patrimônio material e cultural juazeirense, conforme a Lei Municipal nº 4.364/2014.

A tão solicitada revitalização que o *Correio de Juazeiro* (p. 36) reivindicava só ocorreu de fato em 2018, quando a praça foi interditada por cerca de oito meses. A obra, realizada durante a gestão do ex-prefeito Arnon Bezerra, foi orçada em R\$ 4,5 milhões e financiada por verbas federais, estaduais e municipais. A proposta era resgatar a arquitetura do período da década de 1960.

Às vésperas da Romaria de Nossa Senhora das Candeias, a reformagerou apreensão entre comerciantes e permissionários do entorno, como registrou o jornalista Antônio Rodrigues em matéria publicada no *Diário do Nordeste* naquele mesmo ano. Segundo ele, após reuniões entre a gestão municipal e representantes do comércio, *“surgiu o acordo de só saírem do local após a Romaria das Candeias, no dia 5 de fevereiro. [...] Por outro lado, a Prefeitura ainda não deu nenhuma garantia de que o comércio deles voltará à Praça Padre Cícero após a reforma”*.

A Alameda de Juazeiro, oficialmente denominada Centro de Gastronomia Rita Araújo da Silva, foi entregue em 2019 como resposta a essas demandas. Pequenas casas coloridas — azuis, amarelas, vermelhas, com portas brancas de madeira — passaram a abrigar bares, cantinas, lojas de roupa, salões de beleza e outros serviços. A praça, mais uma vez, se reorganizava para caber. Não apagava seu passado, mas o rearranjava, como sempre fez.

Desde cedo, este lugar serve de palco para reunir Juazeiro. Muito antes das bandeiras e dos tambores, a praça já foi cenário de outro tipo de acontecimento — solene, filmado, cuidadosamente encenado para o futuro.

Rostos borrados, homens engravatados, marinheiros de branco. Nos poucos registros visuais que restaram — alguns realizados por Lauro Reis Vidal, jornalista e um dos pioneiros

da realização cinematográfica na região do Cariri cearense —, a cidade se reúne para assistir a si mesma nascer em imagem. A multidão ocupa o centro do quadro como quem sabe estar diante de um acontecimento.

A atual Praça Padre Cícero foi inaugurada em 11 de janeiro de 1925, no centro do antigo “Joazeiro”, sob o nome de Praça Almirante Alexandrino de Alencar, em homenagem prestada por Padre Cícero — fundador e então prefeito da cidade — ao Almirante Alexandrino, ministro da Marinha à época.

Em artigo publicado pelo escritor José dos Anjos Dias no Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), em 1982, o autor descreve o momento da inauguração e relata que o comandante da Marinha não pôde comparecer devido ao seu estado de saúde debilitado, mas enviou *“um contingente naval para abrilhantar a solenidade, seria a Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará”*.

Ao longo do século, a praça se reafirmou como ponto de convergência da cidade: palco de manifestações políticas, celebrações religiosas, romarias, shows musicais e atos públicos que, em diferentes épocas, mobilizaram multidões. Mudam as pautas, mudam os altares improvisados e os palanques montados, mas permanece a vocação do lugar — reunir Juazeiro em torno de alguma palavra, de alguma crença, de alguma causa.

CRUZANDO

ESPADAS

Os reisados* inundam a praça como quem atravessa a cidade inteira para caber ali. Padre Cícero, São Damião, Amigos da Infância, Discípulos do Mestre Pedro, Estrela Guia. Cada grupo trazendo no nome um bairro, uma rua, um pedaço de Juazeiro do Norte. Naquele ponto, todos dividiam o mesmo chão. O mesmo espaço que de dia é espera, descanso rápido, travessia apressada, à noite virava ponto de exposição, disputa de cor e encontro de comunidades.

A Praça Padre Cícero é, com frequência, palco para as brincadeiras da cultura popular. Em diferentes momentos do ano, grupos de reisado, músicos e brincantes ocupam o espaço com cantorias, figurinos coloridos e o ritmo marcado da sanfona, do violão e da zabumba. Entre essas celebrações, o Ciclo de Reis se destaca como um dos eventos que mais reúne grupos e participantes.

Durante alguns dias, a praça ganha outro compasso: pernas de pau atravessam o gramado, espadas enfeitadas se cruzam nas coreografias e vozes puxadas em coro se espalham pelo espaço. Para acolher a festa, uma estrutura temporária é montada, com palco e decoração temática de muitas cores, transformando o cenário já conhecido em ponto de encontro para brincantes de diferentes lugares.

O Reisado Nossa Senhora das Dores foi o sexto grupo a entrar em cena. No pico do movimento noturno, quem passava diminuía o passo, quem estava sentado nos bancos se virava. Por alguns minutos, o espaço pareceu se organizar em torno do espetáculo.

Jicelia estava à minha frente — suada, ofegante, a coroa azul ainda firme na cabeça, fitas coloridas sob os cachos, a pele preta brilhando na luz torta da praça. Os pequenos espelhos que integram a vestimenta continuavam reluzindo, mesmo

fora do palco. No caminho até Mestre Aparecida, Jicelia me conta com admiração que a irmã *“foi a primeira rainha do reisado, porque antigamente só era homem”*. Nesta cantoria rica de dramaturgia, com diversas cenas e personagens, a rainha não é ornamento. É eixo: caminha com o rei, puxa a história e sustenta o cortejo do grupo, que refaz a visita dos três reis ao menino Jesus.

Quando chego, logo reconheço a semelhança entre as duas: parecida no corpo, na pele, nos traços. Diferentes no semblante. A coroa amarela pesava mais: Aparecida, cansada, sustentava o olhar atento, carregado pelo peso da condução. Elas ainda estavam em êxtase e, mesmo assim, apresentavam todo mundo: *“Ó o pai do tocador aqui, ele foi um dos primeiros embaixadores. Esse aqui é meu filho, minha enteada e ali é a irmã dela. Aquela ali é sobrinha”*. Um inventário afetivo feito em voz alta, que vinha com família, vizinhança, com o bairro Frei Damião inteiro misturado ali.

As roupas brilhavam demais naquela luz amarelada. Vermelho, azul, laranja. Espelhos costurados que devolviam a iluminação em estilhaços. Crianças por todos os lados, pequenas demais para entender o tamanho daquilo, atentas o suficiente para imitar a dança. Algumas ainda viravam o rosto, puxadas pelo movimento da praça — alguém passando, alguém chamando, alguém rindo fora do cortejo.

*“Ó noite rosa
Ó noite linda pra meu bem amar
Mas quando eu chego aqui nessa praça
Meu coração pede pra eu vadiar
Mas esse ano a minha rima é boa
Vem de Alagoas para o Ceará”.*

O grupo, com origem em Juazeiro do Norte, tinha cerca de 31 anos. Começou com Mestre Mosquito, natural de Alagoas

— pai, referência, nome que surgia com frequência nas falas — junto com amigos, vizinhos, um padre e parentes. Me apresentaram ao zabumbeiro, Marcinho: *“Esse aqui foi um dos primeiros, foi embaixador, agora é tocador”*. Alguns dos homens haviam começado ainda jovens. Outros permaneceram até onde deu. Alguns já tinham partido.

Depois da morte de Mestre Mosquito, em 2024, a responsabilidade passou para as filhas. Duas irmãs regem juntas o grupo. Antes, era o pai quem ensinava, quem puxava, quem chamava as crianças. Agora, são elas. A fala não romantiza a dificuldade: *“Não se valoriza mais o reisado. O jovem, hoje em dia, não quer mais. Quer mais celular, droga e bebida. Só isso”*, conta Aparecida.

Então o grupo fez o que dava: buscou crianças. Apostou nelas. *“Aqui é tudo ovelha”*, dizia Jicelia, apontando para os pequenos. Hoje, o grupo se forma entre famílias, amigos e comunidade: muitas mulheres, filhos, bebês no colo que já acompanham o compasso. A brincadeira se estende como continuidade da casa, da criação, da vida comum, provando que o reisado não acaba: ele apenas se transforma.

*"Nosso reisado este ano está mudado
Porque em 2024
Nosso mestre viajou".*

Os relatos se cruzam: casamentos, mortes, promessas feitas no caixão do pai, amizades de longa data entre mestres de diferentes grupos. Algumas histórias rápidas sobre o tempo da união: *“Tem um vídeo que tem ele, Mestra Margarida, Mestre Antônio... Um monte de mestres bem novinhos”*. Nomes que circulam como quem mantém viva uma genealogia da brincadeira.

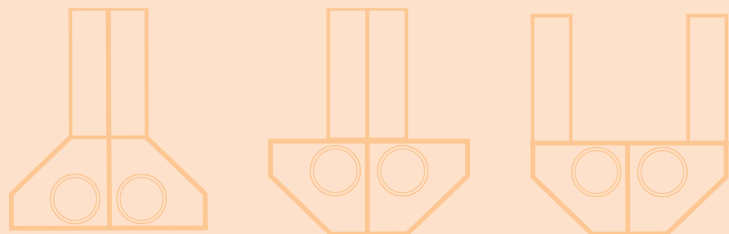
Mestre Mosquito aparece não só como fundador, mas como

eixo. Jicelia diz que sente o legado como uma energia: *“Meu pai chamava muito de ‘o nosso batalhão’, e quando a gente tá numa guerra, quando a gente se junta, acontece. Do mesmo jeito é o nosso grupo”*.

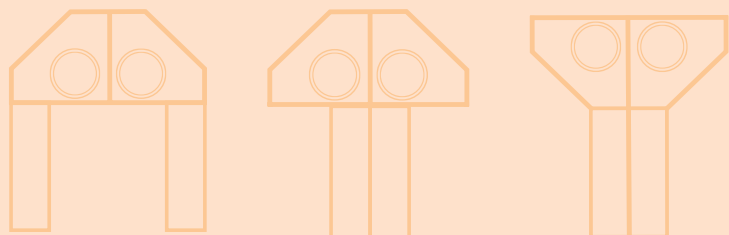
A estrutura montada para o Ciclo de Reis ainda ficaria ali por algumas noites. Depois, seria desmontada. A praça voltaria a ser passagem, espera, encontro rápido. Mas não desmontava tudo. Ficava a memória de quando aquele chão foi brincadeira.

Saio de lá entendendo que o Ciclo de Reis não é apenas um evento marcado no calendário. Ele se repete por escolha. Ano após ano. Enquanto houver alguém para aprender, alguém para ensinar e alguém para puxar o canto — mesmo que a cidade siga em movimento.





Uma casa que virou escola



Ronaldo Vieira passa pela Praça Padre Cícero todos os dias antes de virar a chave do portão que abre seu expediente. Cabelo grisalho, óculos de grau, algumas rugas se formando no rosto, mas se lembra de quando era jovem e estacionava a moto ali mesmo, em frente: *“Na época, eu trabalhava... Aí larguei o emprego pra trabalhar aqui de mototáxi, aqui de frente”*, lembra.

Trabalhava como mototaxista enquanto fazia faculdade. Diz que entre uma corrida e outra, estudava matemática *“com um caderno apoiado no guidão”*. Foi assim que conheceu dona Dazinha Viana, moradora da casa na época. A moto ficava parada no ponto e ele observava pela grade de fora da casa, curioso. Antes de ser escola, o prédio era casa. Casa grande. *“Casa de gente rica”*, como diz Ronaldo, seu guardião. Todo dia, ao chegar ao trabalho, ele atravessa o portão e entra nesse tempo acumulado.

As paredes do prédio continuam grossas, cor de creme. A grade branca, o alpendre com um pequeno jardim na parte externa. Outras divisões foram inventadas depois.

A casa foi construída por volta de 1945, no lugar onde antes existia um palacete — espaço de velório, memória antiga que quase ninguém lembra. Anos depois, quando o imóvel já era da prefeitura e virava a Escola de Saberes Daniel Walker, Ronaldo voltou por outro caminho: dessa vez era professor. Ele tenta lembrar do tempo em que chegou na instituição, batucando com a caneta num pedaço de papel, sentado atrás do balcão de mármore onde trabalha.

Veio de um cargo do Estado para o município porque pagava melhor. Não sabia que iria parar ali. Quando chegou, o diretor perguntou o que ele sabia fazer melhor. Ele respondeu: *“dar aula”*. Mas isso não bastava. Na Escola de Saberes, ninguém

faz só uma coisa por vez.

No dia seguinte, Ronaldo virou um tipo de faz-tudo. “*Tinha um monte de cadeira com braço quebrado. Eu fui ajeitando, uma por uma*”. Depois passou a acompanhar as sessões do Curumim, projeto de cinema educativo em parceria com o Banco do Nordeste Cultural Cariri. É ele quem busca os alunos. De ônibus, às vezes no próprio carro, ou até na moto.

A Escola de Saberes não funciona como uma escola regular. É outra lógica. Para Ronaldo, é quase um centro cultural. Recebe turmas, oficinas, exposições, apresentações — ou recebia mais. Nos últimos dois anos, o espaço foi dividido com escolas em reforma, o que reduziu as atividades próprias da casa. A Manoel Balbino, do bairro Carité, ocupa o térreo e parte do primeiro andar.

“*Para os meninos, foi uma maravilha, porque eles não tinham isso*”. Ele achava graça porque admiravam até o piso de madeira, andavam devagar, olhando tudo. Um choque de mudança. Ambiente diferente. A praça, logo ali fora, parecia outra também.

Ronaldo gosta de acompanhar as Olimpíadas escolares. “*Eu vejo muito talento esquecido. Menino bom que ninguém olha*”, diz, com o olhar pesaroso. Matemática, raciocínio lógico. Ele vai às escolas, conversa com coordenadores, escolhe alunos. Muitas vezes vai de moto mesmo. Não espera carro da prefeitura. Leva, aplica a prova, corrige. As medalhas chegam — algumas ainda aguardam entrega.

Mas, se ele pudesse escolher, ficava com o cinema.

A sessão Curumim é o que mais mexe com ele. Crianças sentadas, luz apagada, o filme rodando. Depois, a conversa. Teve uma sessão fora dali, numa escola. O filme falava de

aceitação: um coelho com asas e pé de galinha. “*Quando terminou o filme, a menina saiu correndo e abraçou a mediadora. A professora chorou... Eu quase saí da sala*”, lembra. São coisas pequenas, ele diz. Besteira para alguns. Mas ali, naquele momento, mudam tudo.

A Escola de Saberes também recebe a FEART — Feira de Artesanato da Associação dos Artesãos —, apresentações de teatro, o Natal de Fé, o coral. Este último já encantou a praça com apresentações musicais na sacada do primeiro andar. Por algumas horas, quem passava parava para ouvir a sinfonia harmônica. A melodia vinha da casa e fazia todo mundo olhar para cima, seja por admiração ou curiosidade.

Recebe também quem entra sem saber direito se pode. Ronaldo diz que pode. Confere a agenda. Se não tiver nada da secretaria, libera. Já vieram grupos de Fortaleza, estudantes da UFCA, artistas, rendeiras. Já houve exposição sobre mulheres que durou mais de dois meses. Já teve oficina, robôs andando pelo chão, fantoches.

Quando falta cadeira, chamam Ronaldo. Quando falta transporte, é Ronaldo. Quando o ônibus quebra, ele vai no carro dele. Quando precisa buscar um aluno longe, vai ele.

Ele mora em Juazeiro, mas veio de Iguatu. Veio sozinho, história difícil. “*Cada pessoa é um livro*”, costuma dizer. Talvez por isso goste tanto de ver menino ganhando medalha.



De frente para a Rua Padre Cícero, um homem dourado permanece sentado em um banco de madeira na Casa de Saberes. Estático, olha sempre para frente. As mãos repousam no colo, um leve sorriso no rosto. Boné, óculos de grau. As feições repetem com cuidado aquilo que foi um dia em vida.

É Daniel Walker Almeida Marques. Jornalista, radialista, professor, falecido em 2019. Conhecido como o guardião da história de Juazeiro, escreveu mais de quinze livros — um deles sobre a própria praça onde outrora sua estátua esteve sentada.

A estátua foi inaugurada em 21 de julho de 2024, inicialmente em um dos bancos de concreto da Praça Padre Cícero. A ideia partiu do empresário José Leite de Souza, somada ao esforço de amigos do jornalista e da AFBPC — Associação dos Frequentadores do Banco da Praça Padre Cícero. O projeto custou cerca de R\$15 mil. Fibra moldada em memória.

Sentado no banco da praça, o homem dourado já enfrentou mais do que sol e chuva. Um dia, travou uma guerra silenciosa com um vândalo sem nome. Perdeu a mão direita, os óculos, parte do boné. Depois, tudo foi restaurado. Daniel voltou inteiro. Cabeça erguida. Sorriso intacto. Após o ataque, a escultura foi realocada, mas permanece vigilante como antes. Os olhos fixos na praça.

Coincidentemente, a estátua permanece voltada para outras três figuras também douradas: os monumentos de Monsenhor Murilo, da Beata* Maria de Araújo e de Padre Cícero. Enquanto este último segue sentado, os outros dois sustentam a rigidez de permanecerem de pé, numa vigília interminável.

As três figuras estão naquele ponto desde 1º de fevereiro de 2023, quando foram inauguradas. O conjunto foi idealizado

pelo radialista Aluizio Neri Filho e executado pelo artista Ranilson Viana, responsável pela criação das esculturas.

A presença da Maria Magdalena do Espírito Santo, conhecida como Beata Maria de Araújo, recoloca no centro da praça uma personagem por muito tempo silenciada na narrativa oficial da cidade. Foi ela quem protagonizou, em 1889, o episódio conhecidos como o “Milagre de Juazeiro”, quando a hóstia recebida durante a comunhão teria se transformado em sangue em sua boca.

O acontecimento atraiu romeiros, mobilizou devoções e desencadeou investigações da Igreja Católica, marcando definitivamente a história religiosa do Cariri. Maria de Araújo acabou afastada da vida pública e religiosa, vivendo sob penitência até a morte. Durante décadas, seu nome permaneceu à margem das homenagens institucionais. Erguê-la em estátua, no coração da praça, é também um gesto de revisão histórica — uma tentativa de reintegrá-la à memória visível da cidade.

Pesquisadores relatam que após a morte da Beata, Padre Cícero teria mandado sepultá-la dentro da capela do Socorro, mas o túmulo foi violado. Até hoje, não se sabe o que aconteceu com o corpo de Maria de Araújo.

Já Monsenhor Murilo de Sá Barreto foi um dos principais responsáveis por consolidar Juazeiro do Norte como polo de romaria no século XX. Pároco por muitos anos e articulador da estrutura de acolhimento aos fiéis, ele organizou celebrações, fortaleceu a devoção ao Padre Cícero e ajudou a estruturar o calendário religioso que movimenta a economia local na cidade.

Talvez não seja coincidência que, quase um século depois da primeira estátua erguida no centro da praça, novas imagens

tenham sido instaladas ali, agora em tom dourado, reluzente, mais próximo da iconografia devocional. Como se a praça ainda buscasse uma forma de acomodar aquilo que, em 1925, ficou em suspenso.

Na mesma data da inauguração da Praça Almirante Alexandrino de Alencar, foi descerrada também a estátua de bronze de Padre Cícero, instalada no centro do novo espaço público. Parte da solenidade foi registrada por **Lauro Reis Vidal (p.70)**. Nas imagens, ainda que de baixa resolução, a batina escura distingue com nitidez a figura do sacerdote entre autoridades e militares.

Posicionado no centro da cena, Padre Cícero parece assistir, imóvel, à própria consagração pública. Quando o pano branco é puxado, revelando a imagem, a praça se transforma em celebração. O monumento havia sido construído em 1923, no Rio de Janeiro, pelo escultor Laurindo Ramos, a pedido de Dr. Floro Bartolomeu — médico, deputado e principal articulador político de Padre Cícero.

Uma tese escrita pela historiadora Amanda Teixeira, Juazeiro sem Padre Cícero: uma cidade que não se esqueceu, conta que a inauguração foi seguida por uma grande festa organizada por Floro, reunindo autoridades políticas da cidade e da região.

Mas essa festa, ao que tudo indica, não durou. Ou talvez nunca tenha sido de todos. A mesma tese sugere que, com o passar dos dias, e a imagem já incorporada ao cotidiano da praça, o monumento passou a provocar outras reações. Nem todos se reconheceram ali. A imagem que deveria fixar uma memória abriu, na verdade, um estranhamento.

“Acontece que ela [a estátua] não lembrava em nada os santos dos altares. Não era uma obra capaz de trazer à tona

os sentimentos mais ternos dos devotos, assim como não refletia a bondade de Padre Cícero”, relata Amanda em sua pesquisa.

O Padre Cícero que surgia ali, imóvel, escuro, exposto ao sol, parecia outro. Não era o Padim lembrado pelos devotos — aquele de passos curtos, batina gasta e presença cotidiana. Havia algo de rígido demais naquele corpo que agora ocupava o coração da cidade. Na praça, era visto por todos, mas raramente reverenciado. Permanecia exposto, sem abrigo, sem a sombra de um templo, submetido às mesmas intempéries que qualquer outro monumento cívico.

Talvez por isso a estátua nunca tenha se tornado, de fato, um lugar de devoção. A relação tensa de Padre Cícero com a Igreja institucional ao longo dos anos também se inscreve ali, em bronze: no centro da praça, sua imagem não ocupa o lugar do altar. A aceitação veio com o tempo. Com o hábito. Com o fato de a cidade aprender a conviver com aquela presença estranha.

Décadas depois, com a chegada das novas imagens e a ampliação dos sentidos da praça, a escultura foi sendo incorporada à paisagem. Já não está sozinha. Ao redor, os vigias dourados observam o movimento contínuo: romeiros que passam, descansam no banco, tiram fotografias, tocam as estátuas, murmuram orações breves.



A ROTA DE MARLENE

Em 2018, depois de um cateterismo e uma angioplastia, Marlene ouviu que não podia mais carregar peso. Ainda assim, todos os dias desce para trabalhar na praça e volta com sacolas cheias de comida — panelada, galinha, carne de porco — equilibradas nas mãos. Ri quando falo do grande volume. As filhas brigam: “Mãe, não pega peso não”. Mas quase sempre não há escolha.

Num fim de tarde, quando decido sentar num dos bancos e virar visitante — parar, olhar, esperar —, Marlene chega à Praça Padre Cícero. O sol já está baixando e o ponto de ônibus da Rua São Pedro começa a encher. Sacolas no chão viram banco improvisado. Gente cansada. Olhos no relógio.

Ela senta ao meu lado. Mãos no colo, pernas cruzadas, garrafinha de água na mão. A bolsa de couro marrom já gasta. Na outra, a sacola grande, meio transparente, denunciando o peso.

“*Fechei mais cedo*”, explica. Trabalha num restaurante na Praça da Matriz e, ao fim do expediente, sobe a rua para pegar a topique das 18h40 para Caririaçu, cidade a cerca de 27 quilômetros de Juazeiro do Norte. Ou quase isso. “*Não é bem Caririaçu. É no sítio Riachão. Na igreja de São José*”, território de Juazeiro, a cerca de 14 quilômetros do Centro.

Ônibus passam, topiques chegam, passageiros se organizam como podem. Vence quem entra primeiro. Quem consegue sentar.

Todos os dias ela faz esse trajeto. Acorda às cinco e, antes de sair, já deixa a casa pronta: rega as plantas, limpa o fogão, faz o café, lava o banheiro. “*Já deixo tudo arrumadinho*”. Mora com o marido; os filhos estão crescidos. “*Graças a Deus, todo mundo pegou o rumo*”.

Uma mulher e duas crianças esperam sentadas no batente de um hotel. As meninas tomam milkshake, falando baixo, sacolas entre os pés. Trabalhadores fardados se juntam aos poucos, formando o corpo fixo do ponto. Sempre há alguém anunciando uma nova rota, chamando passageiros como quem puxa conversa. Um ônibus amarelo surge na esquina:

01 — NOVO JUAZEIRO

O transporte coletivo alerta pelo menos dez pessoas que se preparam para embarcar. Quando está muito cheio, a disputa começa antes mesmo da porta abrir. Do outro lado da calçada, uma caixa de som anuncia promoções: *“De frente para a Praça Padre Cícero! Tudo por apenas 7,50!”* A loja aproveita o ponto cheio. Alguns esperam o ônibus já com uma sacola nova na mão. Outros apenas olham.

Em tempo de romaria, Marlene dorme na própria barraca para não perder o movimento. *“A romaria é grande”*. Janeiro é quando começa o pinga-pinga dos visitantes. *“Chega e vai embora. Chega e vai embora”*. A cidade se transforma, o ponto fica mais cheio, o retorno para casa mais demorado.

Quando a van atrasa, ela se inquieta. Observa o fiscal de camisa amarela. *“Mora perto da gente”*. Fala do sítio como quem fala do centro do mundo. Planta arroz, milho, feijão: *“Ajuda muito”*. No gosto e no bolso. *“Essas coisas industrializadas não têm o gosto da roça”*.

No dia anterior, ganhou dois patinhos. Cria galinhas e pintos. Pagou setenta reais numa galinha com treze filhotes. Cuida dos bichos como cuida da casa e das plantas. Quando volta, o marido às vezes já está jantando; às vezes espera por ela. *“Ele faz arroz, torra a carne, faz uma salada”*. É uma troca silenciosa.

A topique enfim se aproxima. Um grupo se adianta. Marlene se levanta devagar, ajusta as sacolas e espera a vez.

“Aí, fia, vou indo. Tehau, viu?”

Atravessa a rua e parte numa van cinza. As mãos que não deviam carregar peso sustentando, outra vez, o que é preciso levar para casa.





Vida Leva Eu

Diferente das pessoas que encaram a praça como lugar de trabalho ou ponto de eventos comemorativos, Francisco Rufino frequenta a praça por escolha. Não é ponto fixo de trabalho nem extensão da casa. É lugar apenas de estar. *“Eu vou até as praças, mas não é como essa aqui. Essa aqui é melhorzinha”*. Senta, cruza as pernas magras e observa o movimento. No pulso, um grande relógio dourado destoa da simplicidade. O relógio marca as horas, mas ele parece não ter pressa nenhuma.

Aos 68 anos, Francisco vem do bairro Franciscanos sem pressa e sem obrigação. *“Quando tô com vontade mesmo, pego minha sacolinha e vou”*. Já aposentado, diz que não tem profissão, mas vende chinelos de couro pela praça e por outros pontos de cidades vizinhas: *“Quando eu quiser ir trabalhar, eu vou trabalhar. E quando eu não quiser...”* — e dá de ombros.

No fim do dia, pega o ônibus na parada perto de casa. Em cerca de 15 minutos, está na praça. *“Descanso e venho pra cá depois”*.

No mesmo banco onde hoje observa o vai e vem, conheceu Maria do Socorro.

- Vocês se conheceram aqui?
- Foi, do jeito que tá eu e você aqui. Conversando.

Ela contou a vida dela. Ele contou a dele. E ele sustenta que foi a franqueza que abriu caminho: *“A pessoa não deve mentir, né? A pessoa tem que falar a verdade”*. E assim começaram a namorar há um ano. O programa é simples: às vezes, Francisco visita a namorada em casa ou no local de trabalho, próximo à praça. *“Ela trabalha logo ali numa pousada”*, e aponta para a Rua Padre Cícero. Outras vezes, batem papo nos bancos da praça.

Define-se com orgulho: “*Eu sou livre, solteiro. Não tem preocupação, não*”. As namoradas? “*As namoradas que eu arranho é só de passagem*”. Depois ri da própria leveza: “*É passageiro, né? Curtir a vida, né? A vida é assim mesmo*”.

Ele diz que ainda “*vive assim, dando certo. Se der certo, a gente vive. E se não der certo... cada um pro seu rumo*”. Apesar da vida boêmia que leva, não fala de amor com descuido. “*A pessoa que conhece o amor dói. Dói muito. [...] Eu já vou entrar para 69 anos. Já conheço, já*”.

Sem família, mora sozinho e gosta de viajar. Já morou em Maceió e também lembra das praças do Rio de Janeiro com carinho: “*Quando eu tava viajando lá no Rio de Janeiro, tem uma cidadezinha lá, o nome é Itatiara. É bem organizada a praça*”.

Mas ele mesmo corrige a própria liberdade: “*A pessoa solteira é bom. Ó, é bom e no mesmo instante, é ruim. Porque se cair numa doença, tem aquela pessoa pra cuidar*”. Ele fica em silêncio por um instante.

E, sentado ali, resume a própria filosofia com uma canção que sabe de cor: “*Que nem aquela música, Deixa a Vida Me Levar. A vida leva eu*”. Na praça, Francisco não espera por nada, mas foi ali que o amor resolveu sentar ao lado.

*Deixa a vida me levar
Vida leva eu
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu
Só posso levantar as mãos pro
céu
Agradecer e ser fiel
Ao destino que Deus me deu.*

Deixa a Vida Me Levar - Zeca Pagodinho

POSFÁCIO

“Quem vê close, não vê corre”

Foram três dias acompanhando a família Bezerra na romaria. Duas semanas indo quase todos os dias à praça à procura de um mágico que nem sempre aparecia — quase sempre, levando um bolo. Um expediente inteiro dentro da Farmácia dos Pobres, observando, esperando, tentando entender o ritmo de Galego entre um atendimento e outro. Cerca de uma semana frequentando todos os dias a Banca Padre Cícero e tentando desvendar o que César não podia dizer com palavras.

Nada disso estava no plano inicial.

No começo, imaginei que entrevistar pessoas poderia ser uma tarefa mais simples. Pensei em ligações, mensagens de voz, conversas mediadas por telas — caminhos superficiais que, à primeira vista, parecem dar conta de muita coisa dentro de uma lógica mais acelerada e mercantilizada do jornalismo. Mas nada disso dava conta dessa praça, nem deste livro.

Entre reuniões de orientação e alguns puxões de orelha do meu orientador, Tiago Coutinho, entendi que não existia atalho para a história que eu queria contar. Não poderia falar da praça sem vivê-la. Não dava para escrever sobre aquelas pessoas sem, de fato, conhecê-las. Como ele sempre me dizia, “quem vê close, não vê corre”.

O que eu buscava não estava na resposta rápida, nem na entrevista marcada com hora e duração definidas. As histórias estavam nos intervalos, nas recusas, nas voltas. E, principalmente, na insistência.

Antes de qualquer entrevista, houve um longo período de observação. Eu circulava pela praça sem saber exatamente o que procurava, tentando reconhecer padrões, identificar presenças, entender quais histórias poderiam existir ali. Nem sempre acontecia algo — mas às vezes, alguma coisa começava justamente naquele aparente vazio.

A primeira vez em que senti que uma história realmente começava a se abrir diante de mim foi com os mototaxistas. Passava por aquele ponto com frequência no fim da tarde, quase sempre no caminho de volta para casa. Com o tempo, comecei a reconhecer pequenas cenas que se repetiam: as brincadeiras entre eles, a disputa pelos passageiros, os momentos de espera, as conversas que corriam junto ao barulho constante das motos e do trânsito ao redor. Com a convivência, aquelas pessoas deixaram de ser apenas parte da movimentação diária da praça e passaram a ocupar um espaço mais próximo, mais humano, mais íntimo.

Construir confiança foi, provavelmente, a parte mais difícil do processo. Existe uma distância entre perguntar e realmente ser ouvido. Não é simples fazer com que alguém compartilhe a própria vida com alguém que ainda ocupa o lugar de desconhecido. Foi preciso tempo, repetição e presença. Voltar aos mesmos lugares, rever as mesmas pessoas, sustentar os silêncios quando necessário.

E aceitar que nem tudo se revela.

Curiosamente, alguns dos capítulos deste livro surgiram sem planejamento. Marlene e Francisco Rufino nasceram de conversas despreziosas de banco de praça. Alemão também apareceu de forma inesperada, daqueles encontros que surgem diante dos olhos quando a gente menos espera. Inicialmente, eram apenas exercícios de escuta, tentativas de entender melhor aquele espaço. Mas, com o tempo, revelaram

camadas impossíveis de deixar de fora.

Outras ideias ficaram pelo caminho. Muitos personagens, lugares e conversas acabaram não entrando na narrativa final por conta do tempo e dos limites do próprio trabalho. Eu queria ter aprofundado melhor a história do Banco do Nordeste Cultural Cariri e sua relação com as pessoas que passam diariamente pela praça. Queria ter assistido a uma das reuniões da Associação dos Frequentadores do Banco da Praça Padre Cícero (AFBPC), entender melhor suas dinâmicas e memórias. Também queria ter aceitado o convite de Lady Baiana para tomar um café em sua casa e prolongar uma conversa que, claramente, ainda tinha muito a revelar.

Aprender a lidar com esses limites também fez parte do processo. Quem sabe numa próxima edição?

Produzir este livro em quatro meses foi uma experiência movida pelo caos. Enquanto me envolvia com uma nova história, precisava voltar para outra já vivida e transformá-la em texto. Eram tempos diferentes acontecendo ao mesmo tempo: o da experiência, o da memória e o da escrita. Durante boa parte do processo, vivi numa espécie de conflito constante com o texto. Nada do que eu escrevia parecia alcançar aquilo que tinha encontrado na rua. Reescrevia, apagava, voltava, mudava o tom. Muitas vezes, existia uma distância enorme entre viver uma cena e conseguir registrá-la sem perder seu ritmo e sua atmosfera.

Até que no último mês, com o prazo já muito próximo, decidi reescrever praticamente tudo. Foi um recomeço dentro do fim. E, de certa forma, necessário.

A parte gráfica também seguiu esse mesmo ritmo intenso. O que começou num programa de design básico do Canva precisou migrar para outro nível. Aprender a usar o InDesign

deixou de ser uma possibilidade e virou uma urgência. Em um único fim de semana, precisei desenvolver toda a proposta gráfica do livro.

Foram três dias sem dormir. Café, energético, altas exposições à tela do notebook e uma tentativa constante de fazer com que forma e conteúdo finalmente conversassem entre si, alinhados ao mesmo conceito. Exaustivo, mas também parte desse processo de construção feito de tentativas, erros, insistências e encontros. Em menos de um mês, o projeto gráfico foi finalizado.

Mesmo em meio às dúvidas e aos momentos em que achei que este livro não conseguiria se sustentar, existia algo nessa ideia que continuava me movendo. Uma memória da praça que dificilmente aparece nos registros oficiais, nos arquivos institucionais ou nos livros sobre a cidade. Ela vive nas conversas de bancos, nos frequentadores antigos, nos comerciantes, nos romeiros, nas festas e nas pequenas histórias compartilhadas quase sempre de forma oral.

Moro perto desse lugar. Cresci atravessando aquele espaço e acumulando pequenas memórias que, por muito tempo, nem soube nomear. Gosto de pensar que outras pessoas também carregam lembranças parecidas dali: a alegria simples de ganhar um gubi na infância, o gosto de um sorvete de baunilha misturado à memória do primeiro beijo ou apenas a repetição dos dias, que faz alguém passar tantas vezes pelo mesmo chão a ponto de criar com ele uma espécie de vínculo silencioso.

Foi dessa convivência e desses momentos que nasceu a vontade de entender por que aquela praça parecia guardar um pouco da vida de cada pessoa que passava por ela — inclusive da minha.

Este livro não encerra a história. Seu fim é apenas mais uma passagem por essa praça, onde conversas, encontros e memórias continuam acontecendo todos os dias, mesmo fora destas páginas.



Glossário

Bálsamo da Vida

Remédio tradicional vendido na Farmácia dos Pobres; mais que medicamento, símbolo de fé e cura popular.

Beata

Mulher devota, frequentadora assídua da igreja e das romarias.

Caba/Cabra

Expressão de força e resistência; aquele que aguenta o tranco da vida.

Compadre/“Cumpadi”

Vínculo de parentesco afetivo, geralmente estabelecido quando você é o padrinho do filho de outra pessoa.

Engraxate

Trabalhador que lustra sapatos; figura tradicional das praças centrais.

Flanelinha

Trabalhador informal que vigia ou “toma conta” de carros estacionados em vias públicas, geralmente em troca de dinheiro dos motoristas.

Fuxico

Comentário sussurrado; fofoca; notícia miúda que corre de boca em boca.

Lascado

Em situação difícil, complicada, sem saída aparente; Enrascado.

Matutar

Pensar com atenção; refletir demoradamente.

Mototáxi / Mototaxista

Serviço de transporte em motocicleta; figura central na mobilidade urbana e na circulação de histórias.

Padim / Padim Ciço

Forma afetiva de se referir a Padre Cícero, revelando intimidade devocional.

Praça

Não apenas espaço físico, mas núcleo simbólico de convivência, comércio, fé e memória.

Promessa

Compromisso feito ao santo em troca de graça alcançada; sustenta o ciclo das romarias.

Romeiro

Devoto que viaja até Juazeiro do Norte movido pela fé, especialmente nas datas ligadas ao Padim.

Reisado

Manifestação popular tradicional do Nordeste, ligada ao ciclo do Natal e ao Dia de Reis. Mistura música, dança, figurino e encenação, ocupando ruas e praças com cortejos e cantorias.

Ruma

Grande quantidade de algo; monte, abundância. Usada para intensificar: “uma ruma de gente”, “uma ruma de problema”.

Seresta

Reunião musical noturna, geralmente marcada por violões, canto sentimental e repertório de canções românticas. Pode acontecer em bares, calçadas ou praças, misturando boemia e afeto.

Topic/Topique

Van utilizada no transporte alternativo entre cidades. O termo deriva do modelo de

veículo Asia Topic e passou a designar, popularmente, esse tipo de serviço de lotação.

Vaia cearense

Manifestação sonora típica do Ceará, marcada por um gritos longos e estridentes, usada para reprovar, brincar ou provocar em eventos públicos.

Valei-me

Expressão de súplica, usada para pedir auxílio divino ou dos santos em momentos de aflição, susto ou surpresa.

Vixe/Oxente

Interjeições de surpresa, espanto ou indignação.

Referências bibliográficas

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Praça da Saudade. Correio de Juazeiro, edição 50, 1949. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830208&pesq=&pagfis=299>. Acesso em: dez. 2025.

DIAS, José dos Anjos. Inauguração da Praça Almirante Alexandrino de Alencar. In: História de Juazeiro, Juazeiro do Norte, 13 maio 2011. Disponível em: <https://historiadejuazeiro.blogspot.com/2011/05/inauracao-da-praca-almirante.html>. Acesso em: fev. 2026.

HISTÓRIA DE JUAZEIRO. Inauguração da Praça Almirante Alexandrino de Alencar. 2011. Disponível em: <https://historiadejuazeiro.blogspot.com/2011/05/inauracao-da-praca-almirante.html>. Acesso em: mar. 2026.

JUAZEIRO EM FOTOS E VÍDEOS. Inauguração da Estátua de Bronze da Praça Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, em 1925 #TrindadeSanta. YouTube, 20 maio 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8zqZdG1gMc>. Acesso em: fev. 2026.

JUNIOR, Roberto. EPITÁFIO | O mistério do túmulo da Beata Maria de Araújo. In: Cariri das Antigas, 11 jan. 2021. Disponível em: <https://cariridasantigas.com.br/epitafio-o-misterio-do-tumulo-da-beata-maria-de-araujo/>. Acesso em: fev. 2026.

JUNIOR, Roberto. Relógios do Cariri: o relógio da coluna da Praça Padre Cícero, a máquina suprema do Cariri. Cariri das Antigas, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://cariridasantigas.com.br/relogios-do-cariri-o-relogio-da-coluna-da-praca-padre-cicero-a-maquina-suprema-do-cariri/>. Acesso em: jan. 2026.

NOGUEIRA, Anastácio Braga. Arquitetura moderna bancária pelo Nordeste. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/441371087/Dissertacao-Arquitetura-Moderna-Bancaria-pelo-Nordeste>. Acesso em: mar. 2026.

RODRIGUES, Antônio. Reforma da Praça Padre Cícero preocupa comércio. Diário do Nordeste, 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/reforma-da-praca-padre-cicero-preocupa-comercio-1.1876922>. Acesso em: mar. 2026.

SILVA, Amanda Teixeira da. Juazeiro sem Padre Cícero: uma cidade que não se esqueceu (1934–1969). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33321>. Acesso em: dez. 2025.

SILVA, Jocilane. Lady Baiana, a musa da seresta. YouTube, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6-sD9F8SFMc>. Acesso em: fev. 2026.

Escrito nas madrugadas entre janeiro e março de 2026, este livro reúne memórias, relatos e registros históricos sobre a Praça Padre Cícero e seu entorno, no Centro de Juazeiro do Norte, Ceará.

Fotografia:

Aysha Quezado

Projeto gráfico e diagramação:

Aysha Quezado

Orientação:

Tiago Coutinho

Tipografia:

Georgia e Impact (títulos e destaques)

Formato do miolo:

14 × 20 cm

Média tipográfica:

entre 30 a 60 caracteres por linha

Papel:

couché fosco 115 g/m²

Juazeiro do Norte - Ceará

2026

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Data e local da assinatura eletrônica



Documento assinado digitalmente
TIAGO COUTINHO PARENTE
Data: 31/03/2026 19:19:51-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>